



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS- LÍNGUA INGLESA

**JONATAS FLORENCIO DO NASCIMENTO**

**IDEOLOGIAS IMPERIALISTAS EM *O GRANDE GASTBY***

**CAJAZEIRAS-PB**

**2017**

JONATAS FLORENCIO DO NASCIMENTO

**IDEOLOGIAS IMPERIALISTAS EM *O GRANDE GASTBY***

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Letras – Língua Inglesa.

**Área de Concentração:** Literatura

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Daise Lilian Fonseca Dias

Cajazeiras-PB

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764  
Cajazeiras - Paraíba

N244i Nascimento, Jonatas Florencio do.  
Ideologias imperialistas em O Grande Gastby / Jonatas Florencio do Nascimento. - Cajazeiras, 2017.  
55f.  
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Daise Lilian Fonseca Dias.  
Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Inglesa) UFCG/CFP, 2017.

1. Literatura americana. 2. Pós-colonialismo. 3. Análise literária. 4. Sociedade. 5. O Grande Gastby. 6. Fitzgerald, F. Scott. I. Dias, Daise Lilian Fonseca. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

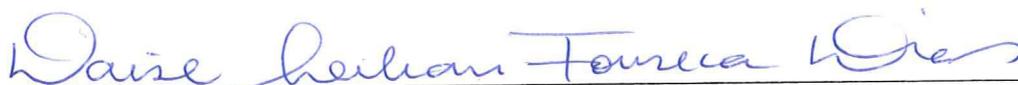
UFCG/CFP/BS

CDU - 821.111(73)

FOLHA DE APROVAÇÃO

Banca Examinadora

Monografia aprovada em 13 / 09 / 2017



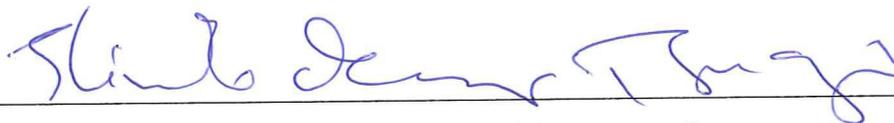
Prof.<sup>a</sup>. Dra. Daise Lílian Fonseca Dias

(Orientadora)



Prof. Dr. Francisco Francimar de Sousa Alves

(Examinador interno – UFCG)



Prof. Ms. Elinaldo Menezes Braga

(Examinador interno – UFCG)

*Aos meus pais, e amigos, pelo apoio incondicional.*

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente devo agradecer a Deus, que me mostrou que com fé, força e perseverança tudo é possível.

A minha família pela compreensão e suporte durante todos esses anos.

A minha orientadora Dr<sup>a</sup>. Daise Lilian Fonseca Dias, por ter estado conosco esses quatro anos, principalmente por sua dedicação a esta pesquisa. Como também pelo incentivo e força diante das dificuldades que encontrei para a realização deste trabalho, se tornando não somente para mim uma grande inspiração.

A todos os professores da Unidade Acadêmica de Letras que contribuíram para o meu crescimento intelectual e humano.

A todos os meus colegas de classe, principalmente Simone e Susana, pelos momentos de dificuldades e alegria que compartilhamos. Levarei vocês sempre em meu coração.

“The human race has one really effective weapon, and that is laughter.”  
-Mark Twain

## RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo principal analisar, sob uma perspectiva pós-colonial, o romance *O Grande Gatsby* (1925), do escritor americano F. Scott Fitzgerald, usando conceitos teóricos de Bonnici (2000; 2005), Fanon (2008), Spivak (2010), dentre outros. Nesta obra, um clássico da literatura americana, será visto como o americano branco, de classe média alta, se comporta diante de uma sociedade que apresenta uma diversidade de classes, raças, culturas e religiões, em um contexto em que os Estados Unidos são representados como superior, bem como certos países europeus, em detrimento de determinadas nações e povos vistos como inferiores, como resultado de ideologias imperialistas Europeias. Será apresentado como regiões e países são considerados periféricos, como o Caribe e o Canadá, por exemplo, e são retratados de forma ambígua. Também serão discutidas as questões de outremização de personagens estrangeiros, vítimas do preconceito de personagens americanos, do narrador e do texto. Assim, esta é uma pesquisa pioneira, pois não são comuns análises desta obra na perspectiva aqui utilizada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pós-colonialismo, literatura americana, sociedade.

## **ABSTRACT**

This research has as its main objective to analyse, from a post-colonial perspective, the novel *The Great Gatsby* (1925), by the American writer F. Scott Fitzgerald, having as theoretical support the works of Bonnici (2000; 2005), Fanon (2008), Spivak (2010), among others. In this work, a classic of the American literature, it will be seen how the white American of high middle class behaves in a society marked by class, racial, cultural and religious diversity, in a context in which the United States are represented as superior, as well as some European countries, different from some nations and peoples seen as inferior, as a result of imperialist ideologies. It will be shown how regions and countries are considered as margins, such as the Caribbean and Canada, for example, and are portrayed in an ambiguous way. It will also be discussed issues related to the otherness of foreign characters, who suffer prejudice from American characters, from the narrator and the text itself. Thus, this research can be considered pioneer, since analysis of this novel from the perspective used here are not common.

**KEY-WORDS:** Post-colonialism; American literature; society.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1.ELEMENTOS DA POÉTICA DE F.SCOTT FITZGERALD.....	12
1.1 FITZGERALD: VIDA E OBRA.....	12
2. PÓS-COLONIALISMO E LITERATURA.....	16
2.1 ASPECTOS DA TEORIA PÓS-COLONIAL.....	16
2.2 CONCEPÇÕES DE RAÇA, CLASSE E IDENTIDADE.....	24
3. IDEOLOGIAS IMPERIALISTAS: O EU E O OUTRO.....	33
3.1 A REPRESENTAÇÃO DE ESTRANGEIROS.....	33
3.2 QUESTÕES DE ESPAÇO E IDEOLOGIA.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
BIBLIOGRAFIA.....	54
WEBLIOGRAFIA.....	55

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo apresentar uma análise de *O Grande Gastby*<sup>1</sup>(1925) do autor americano F. Scott Fitzgerald (1896-1940), na perspectiva pós-colonial. Esse romance está situado no início do século XX, sendo considerado para os americanos um grande marco para a sua literatura, especialmente porque é nessa época pós I Guerra Mundial que os Estados Unidos emergiram como uma grande potência econômica, o que revolucionou o estilo de vida do cidadão americano, em virtude da riqueza adquirida com relações comerciais com a Europa em guerra. Fitzgerald retrata de forma detalhada a efervescência e o espírito americano daquela década, os anos de 1920, abordando questões sociais e culturais, por meio de personagens intrigantes que almejam ascensão social em um país que promete um futuro encantador, como também, ilusório aos seus cidadãos e a imigrantes que para ali afluíram em busca do Sonho Americano.

Para destacar as ideologias observadas nesta obra, algo ainda incomum nas análises sobre o texto de Fitzgerald (DIAS, 2016), serão utilizados os aportes teóricos de autores que estão inseridos na corrente de pensamento denominada *pós-colonialismo*. Esse modelo de análise tornou-se um movimento de pesquisa singular que tem por objetivo, por exemplo, compreender as razões que levaram certos grupos étnicos e raciais a serem representados de forma injusta e preconceituosa no contexto das relações coloniais, pela raça hegemônica neste contexto, a branca. Dessa forma, a teoria pós-colonial se volta para questões que envolvem: “resistência, subversão, oposição e mimíca” (BONNICI, 2005, p. 10).

Atualmente, críticos como Spivak, Achebe, Ngugi, Said, Bhabha, Fanon são fundamentais no grupo teórico da crítica pós-colonial. Neste trabalho, pesquisadores como o francês Fanon (1925) e sua obra *Pele Negra, Máscaras Brancas* (1952), e o maltês Thomas Bonnici, que produziu textos como *O Pós-colonialismo e a Literatura e Conceitos-chaves da teoria pós-colonial*, dentre outros, são fundamentais para formulação do aporte teórico dessa pesquisa, uma vez que abordam questões de colonialismo, raça, império x colônia, eurocentrismo, identidade, racismo, dentre outros aspectos que a crítica pós-colonial interpela. Para o suporte crítico, será utilizado o texto pioneiro de Dias (2016). Logo, discutiremos

---

<sup>1</sup> A obra será analisada através de dois textos, um deles com idioma inglês pertencente a Bush & Baxter (1995), pois na obra traduzida não apresenta as palavras no idioma francês que tem suma importância para a análise da obra.

como a obra *O Grande Gasbty* se relaciona com o contexto da Ideologia Imperialista Americana, herdada dos seus pares europeus.

Embora o Grande Gastby seja um clássico americano e tenha sido objeto de inúmeras análises sob diversas perspectivas, esta obra ainda possui uma gama de pontos inexplorados pela mesma. Mesmo não apresentando explicitamente características que apontam a mão do colonizador europeu, como na obra *Robison Crusoe* (1719) do autor inglês Daniel Defoe (1660-1731) que indica pontos inerentes à colonização europeia, abordando pressupostos de império, alteridade, invasão, e o silêncio do outro, ainda é possível perceber com lentes da crítica pós-colonial em *O Grande Gastby*, a mentalidade colonialista que controla a visão de mundo dos personagens principais. Então, será possível perceber através dessa análise que, mesmo no início do século XX, é possível perceber que os impérios europeus deixaram marcas na sociedade americana que serão difíceis de apagar, pois “[...] as raízes do imperialismo são muito mais profundas e extensas” (BONNICI, 2000, p. 7) do que se pode imaginar.

Assim, nesta pesquisa abordarei a perspectiva imperialista utilizada na obra para retratar tanto os Estados Unidos quanto diversos países da Europa e seus cidadãos, destacando como o americano branco de classe alta utiliza elementos da cultura europeia como o idioma, a bagagem cultural de viagens internacionais, para representar superioridade e refinamento no círculo da classe alta americana em contraponto a espaços e personagens tidos como inferiores. Com isso, será desvelado o preconceito e a exclusão social a que o imigrante de países que não pertencem ao eixo europeu considerado superior (Alemanha, França, Inglaterra) estão sujeitos aos Estados Unidos.

Para tanto, o trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro será apresentado um recorte da vida e obra de Fitzgerald. Em seguida, serão debatidos aspectos teóricos que nortearão esta pesquisa, no qual se discutirá os fundamentos da crítica pós-colonial. Por conseguinte, o terceiro capítulo será destinado à análise da obra em si na perspectiva pós-colonial, com destaque para o contexto na qual a narrativa está inserida e os aspectos que englobam os espaços e a ambientação do texto. O objetivo é mostrar como *O grande Gastby* reproduz ideologias imperialistas típicas da mentalidade colonial inglesa e europeia de modo geral.

## 1. ELEMENTOS DA POÉTICA DE F. SCOTT FITZGERALD

### 1.1 FITZGERALD:VIDA E OBRA

Para Vanspanckeren (1994, p. 69), “A vida de Francis Scott Key Fitzgerald parece um conto de fadas”. O escritor americano Francis Scott Fitzgerald foi romancista, poeta e roteirista. Pertencia a uma família de classe média católica e irlandesa. Como os personagens de sua obra *O Grande Gasby*, Nick Carraway e Gasby era também da região meio oeste dos Estados Unidos. Ele nasceu em 1896, na cidade de Saint Paul, do Minnesota, vindo a falecer prematuramente em 1940, aos 44 anos. O escritor frequentou várias escolas, porém não demonstrava interesse em seus estudos, mas ingressou aos 17 anos na famosa universidade de Princeton, porém não concluiu o curso, conforme Bush & Baxter (1995).

Bush & Baxter (1995) ainda afirmam que nesse período em Princeton, Fitzgerald começou a conviver em um ambiente aristocrata, o que o tornou impressionado e obcecado com esse modo de vida, já que era de origem humilde. Os Estados Unidos, em 1917 entraram na Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e Fitzgerald foi recrutado para servir ao exército americano por dois anos, todavia, para sua decepção, não foi enviado à Europa. Foi nessa época que ele conheceu Zelda Sayre, uma bela jovem que pertencia a uma família de classe alta do Alabama. Contudo, o romance dos dois não durou muito, para sua tristeza, pois Zelda o dispensou alegando o fato de que ele não dispunha de uma condição de vida elevada para manter o padrão de vida com o qual ela estava acostumada.

Fitzgerald, então, dedicou-se à sua paixão por escrever para mudar de vida e atingir o padrão financeiro necessário para desposar Zelda, em 1920 Fitzgerald conseguiu publicar seu primeiro livro, *This Side of Paradise*, o que o transformou em um sucesso de crítica, de modo que ele “[...] foi anunciado como a voz do jovem americano moderno” (VANSPANCKEREN, 1989, p. 70). Com isso, ele conseguiu se estabilizar economicamente e se casar com Zelda aos 24 anos. Nessa época os dois dividiam seu tempo em viagens entre Estados Unidos e Europa, de modo que, ficaram bastante conhecidos no círculo literário, vindo a frequentar o meio social de Hemingway, Gertrude Stein, grandes nomes que, como ele, fizeram parte da chamada *Lost Generation* [Geração Perdida]. Este grupo era composto por escritores americanos que se mudaram para Paris em busca de inspiração para suas obras.

Em seguida, Fitzgerald publicou livros como *The Beautiful and the Damned* (1922), e *The Great Gasby* (1925), sendo este último livro o mais bem elogiado por alguns críticos, por

possuir “[...] uma história brilhantemente escrita e economicamente estruturada, sobre o sonho americano do homem que enriquece por seus próprios meios” (VANSPANCKEREN, 1989, p. 70).

Mesmo tendo reconhecimento como autor e feito fortuna com sua arte, os Fitzgerald não conseguiram suportar a pressão da fama e do sucesso esgotando seus recursos econômicos, razão também que causou a mudança do casal para a França, em 1924. Neste período, sua esposa começou a apresentar instabilidade mental e emocional, o que levou o devotado marido a difícil decisão de interná-la em vários hospitais psiquiátricos. Zelda morreu em um incêndio no hospício onde esteve em 1948.

Em 1934, Fitzgerald publica *Tender is the Night* (1934) seu quarto romance, uma obra “[...] sobre um jovem psiquiatra cuja vida é arruinada por seu casamento com uma mulher instável [...]” (VANSPANCKEREN, 1989, p. 70). Contudo, esta obra não foi bem aceita pela crítica americana. Neste período, o autor começou a trabalhar no cinema como roteirista, sem obter sucesso algum, em virtude do seu constante vício em bebida alcoólica. Foi nessa época que ele escreveu seu último romance, *The Last Tycoon* (1941), que ficou incompleto, pois Fitzgerald morreu de um ataque cardíaco em 1940, deixando uma filha chamada “Scottie” que teve com Zelda.

Outros trabalhos do romancista incluem autobiografias, contos, ensaios, cartas, tais como: *The Curious Case of Benjamin Button* (1922), *Flappers and Philosophers* (1920), *Tales of the Jazz Age* (1922), *All sad men* (1926), *The Crack-up* (1945), *Afternoon of an Author* (1957), *The Pat Hobby Stories* (1962) e *The Letters of F. S. Fitzgerald* (1968). Além de ter escrito uma peça chamada *The Vegetable* que foi publicada em 1923 (PRIGOZY, 2002).

As obras de Fitzgerald foram influenciadas de forma significativa pelo estilo de vida americano dos anos de 1920. Suas narrativas apresentavam críticas aos valores da alta sociedade dos Estados Unidos, e também descrevem todo o ambiente glamoroso da burguesia americana daquela década. Como muitos escritores da época, suas obras eram influenciadas pelo mundo pós-primeira Guerra Mundial, um período que ficou conhecido como *The Jazz Age* [A era do Jazz], marcado pela prosperidade financeira e liberdade para mulheres.

Os anos que sucederam a Pós-Primeira Guerra nos Estados Unidos foram considerados eufóricos, tendo como característica o desejo, principalmente por parte dos jovens de usufruir a vida ao máximo. Os americanos se apoderaram de um estilo de vida boêmia, se entregando ao entusiasmo da noite, tanto os rapazes como as moças aproveitavam a noite se afundando nas bebidas e no cigarro, ao som do Jazz, novo estilo musical da época

que se tornou um fenômeno nos clubes noturnos e locais de entretenimento. As obras de Fitzgerald retratam esse momento.

Com os sentimentos pós Guerra e a mudança na esfera cultural e social dos Estados Unidos, os americanos encontram uma nova forma de viver se entregando a ostentação e ao materialismo. Essa década passou a ser chamada de *The Roaring Twenties*, que pode ser traduzido como os “Loucos anos vinte,” a época da Geração Perdida.

Em consequência disso, na esfera cultural, autores do início século XX como F. Scott Fitzgerald (1914-1945), Ernest Hemingway (1899-1961), Ezra Pound (1919-1945) John dos Passos (1896-1970), T. S. Eliot (1888-1965) entre outros autores, tornaram-se influentes com suas criações literárias. Como mentora de boa parte deles, a escritora Gertrude Stein quem os intitulou de “A Geração Perdida”. Esta geração perdida é caracterizada por representar o sentimento de desilusão do americano, reproduzindo o seu desejo de esquecer as perdas, sofrimentos e angústias causadas pela guerra, unindo-os em um desejo de recuperação de identidade e reconstrução do país. Descrevendo a obra desses autores, Gertrude Stein relata que, apesar de os personagens de Fitzgerald apresentarem características de pessoas extravagantes da alta classe americana, eles mostram que são fáceis de se perderem emocionalmente, feridos com um certo desgaste em seus espíritos (BUSH & BAXTER, 1995).

Algumas obras importantes que representam essa época são

[...] *The Sun Also Rises* [O Sol Também Se Levanta] (1926) de Hemingway e *This Side of Paradise* [Este Lado do Paraíso] (1920) de Fitzgerald, evocam a extravagância e desilusão da geração perdida. No longo e influente poema de T.S Eliot, *The Waste Land* [A Terra Devastada] (1922), a civilização ocidental é simbolizada por um deserto árido em desespero por chuva (renovação espiritual) (VANSPANCKEREN, 1989, p. 61).

Os escritores e poetas agora chamados de “A Geração Perdida” produziam suas obras na época que ficou conhecida como *The Jazz Age*. Em circunstância disso, os autores se interessavam pelo fato de o Jazz ter se tornado popular e as influências da concepção de diversão e euforia que esse novo ritmo musical apresentava à sociedade na época. Logo, para Fitzgerald esse termo *Jazz Age* reproduz as manifestações da América pós-guerra, e está atrelado ao de lema viver o máximo que se puder, viver o momento. Todavia, a *Jazz Age* durou um período curto, pois foi afetada pela Grande Depressão de 1929, que percorreu toda a década de 1930, conhecida como a maior crise econômica da história americana. Sobre este respeito, Vanspanckeren (1989, p. 61) observa:

A Depressão mundial dos anos 30 afetou a maioria da população americana. Trabalhadores perderam empregos e fábricas fecharam; empresas e bancos faliram; agricultores, sem poder colher, transportar ou vender seus produtos, não puderam pagar suas dívidas e perderam as terras [...] No auge da Depressão, um terço dos americanos estava sem empregos. [...] Muitos viram a Depressão como castigo pelos pecados do materialismo excessivo e vida desregrada.

A Grande Depressão afetou profundamente a carreira de Fitzgerald, especialmente pelo fato de que ele, ao longo de toda a sua produção, voltou-se apenas para aquele contexto dos anos de 1920. Entretanto, com a chegada da nova e difícil realidade econômica, as pessoas não estavam mais interessadas em ler sobre aquela época, o que resultou no desinteresse do público e da crítica por suas obras. Esta foi uma das razões que o levaram a entregar-se à bebida e a trabalhar no cinema. Tendo sido demitido por irresponsabilidade em consequência do vício, o autor entrou em um período de depressão, culminando com um ataque cardíaco que lhe tirou a vida.

Apesar desse declínio no final de sua vida, Fitzgerald, em poucas décadas, veio a ser reconhecido – como até hoje permanece – como um dos maiores escritores americanos, sendo seu livro *O grande Gastby*, um dos maiores clássicos da literatura americana, leitura obrigatória para todo americano, tanto nas escolas quanto nas universidades.

## 2. PÓS-COLONIALISMO E LITERATURA

### 2.1 ASPECTOS DA TEORIA PÓS-COLONIAL

Conforme pontua Dias (2016), a teoria pós-colonial surgiu como um recurso crítico na década de 1970. Ela está voltada para a análise de acontecimentos históricos e literários voltados para a questão do imperialismo em uma época de descolonização, recuperação de identidade e desconstrução social dos vieses coloniais empreendidos pelas potências europeias. Entretanto, mesmo aquela década sendo considerada a inicial para o desenvolvimento desse novo olhar para as relações coloniais, de certo modo ela já existia em sua forma embrionária através de uma gama de textos, conceitos e críticas de autores renomados em suas análises acerca dos efeitos da colonização moderna sobre outras culturas, como por exemplo, *Discurso sobre o colonialismo* (1950), do autor francês Césaire, e *Pele negra e máscaras brancas* (1952), do autor francês Fanon, duas obras de grande impacto cultural que relatam os acontecimentos e as consequências do imperialismo europeu na perspectiva do colonizado.

Alguns teóricos mais recentes que também se debruçam sobre os estudos pós-coloniais são Said *Orientalismo* (1978) e *Cultura e Imperialismo* (1994); a primeira explora inclusive a questão da visão estereotipada do homem europeu em relação ao Oriente. Robert Young com seu livro *White Mythologies: Writing History and the West* (1990) e *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures* (1989), de Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Tiffin são produções igualmente importantes que pavimentam o caminho para a construção da crítica pós-colonial, conforme Bonnici (2000). Ademais, um dos principais pesquisadores no Brasil sobre o pós-colonialismo é o maltês Thomas Bonnici, autor de *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de literatura* (2000), e *Conceitos-chave da teoria pós-colonial* (2005), ambos escritos em Língua Portuguesa.

É importante considerar que na atualidade, a palavra colonialismo parece remeter a um contexto distante, diante de uma sociedade globalizada e moderna. Entretanto, as nações que um dia foram submetidas pela dominação europeia conseguiram alcançar sua independência conquistando níveis distintos de desenvolvimento político e, aos poucos, tem se apoderado de sua identidade e cultura “de volta”, uma vez que ambas foram obliteradas pelas culturas invasoras. Ainda assim, as cicatrizes que o colonialismo deixou são profundas e intensas e ainda circulam nessas sociedades hoje vistas como “pós-coloniais”.

Para que melhor se entendam os termos “colonialismo” e “pós-colonialismo”, deve-se entender que colonialismo pode ser entendido como um período de opressão militar de um país considerado mais forte politicamente e culturalmente melhor sobre outro, (BONNICI, 2005). Um exemplo de expansão colonial que ficou famosa por suas degradações e imposições que devastaram vários povos e suas culturas foi a Europeia que se apoderou de algumas partes do continente Africano, Asiático e Americano.

Porém, ao longo da história, civilizações foram conquistadas por poderosos impérios. Como destaca Bonnici (2005), o colonialismo é uma ideia que já tinha sido explorada na Idade Antiga pelos fenícios, gregos, como também ocorreu na Idade Média como o domínio de diversas terras em forma de cruzadas, nas quais as grandes potências europeias se organizaram para invadir o Oriente Médio. Uma distinção entre este estágio do colonialismo e o que ocorreu a partir do século XVI, empreendido no ocidente, é que esta última forma promoveu a estigmatização de uma raça, a negra, alçando-a ao triste posto de símbolo máximo dessa prática abusiva.

Contudo, existe certa diferença entre as conquistas e expansões que ocorreram durante esses séculos, principalmente entre a expansão colonial europeia moderna e as que ocorreram durante a Idade Antiga e Idade Média. A distinção ocorre pelo fato de que enquanto as outras expansões e conquistas eram determinadas, na vasta maioria dos casos, apenas pelo poder de guerra, o colonialismo europeu estabeleceu sua suposta superioridade, sobretudo por determinantes como cor da pele, cultura, religião e política. Por isso a colonização europeia gerou um grande impacto nas relações entre povos de diferentes culturas e cores que tem permanecido encrustadas até os dias de hoje.

A definição do termo pós-colonialismo ainda tem vários pontos e aspectos a serem discutidos pelos estudiosos e críticos da área. Segundo Bonnici (2000), alguns desses estudiosos usam o termo “colonial” para definir o período a pré-independência imperial, ao passo que o termo “pós-colonial” pode ser utilizado para definir a situação pós-independência, ou o período recente/atual. Em outras acepções, autores compreendem que no momento do contato colonial já tem início o período pós-colonial, neste caso, “pós-colonial” estaria imbuído de um sentido de contestação e não apenas temporal. Embora existam inúmeras definições para o termo “pós-colonial”, ele pode ser também entendido como um período pós-emancipação política – no caso, da antiga colônia em relação aos seus colonizadores – marcada por degradação na cultura e linguagem, em virtude dos resquícios do hibridismo cultural presentes na nação recém liberta.

Com relação a “imperialismo,” Dias (2015) afirma que este é um termo que apresenta variações de significados de acordo com o tempo. Ainda Dias para estabelecer uma compreensão mais significativa desse termo, juntamente com uma comparação ao colonialismo utiliza um dos meios de fontes mais acessíveis da atualidade, como o dicionário. Como a exemplo o dicionário *Oxford Advanced Learner’s Encyclopedic Dictionary* (1992, p. 452; tradução nossa) que interpreta imperialismo como “política de extensão do poder de um país e sua influência no mundo através da diplomacia ou força militar, e especialmente pela aquisição de colônias<sup>2</sup>”. Embora existam similaridades na definição de sentidos de imperialismo com o termo colonialismo, é importante notar as inúmeras possibilidades de compreensão desse termo, (DIAS, 2015).

Loomba (1998), citando o livro *Imperialism, the highest stage of capitalism* (1947), dos escritores Lenin e Kaustsky, afirma que o resultado da superabundância de capital formado pelos grandes países do Ocidente criou uma necessidade de novos mercados e de uma abundância de mão de obra, para assim atender o grande mercado comercial para a satisfação dos lucros da grande capital. Esse grande crescimento do capital afetou de uma forma negativa os países não industrializados, pois eram os mesmos que forneciam a mão de obra, como também, eram alvos notáveis enquanto possíveis consumidores. Desta forma, os grandes países industrializados mantêm os países não industrializados como instrumentos de exploração os subordinando para tentar sustentar seu próprio crescimento e lucro. Esse sistema de benefícios e lucros sobre os desprovidos de capital pode ser compreendido como uma forma de evolução do capitalismo que afetou na distinção de imperialismo e colonialismo.

No que se refere ao termo colonialismo, o *Oxford Advanced Learner’s Encyclopedic Dictionary* afirma que é uma “política de aquisição de colônias e a manutenção delas como dependentes<sup>3</sup>” (1992, p. 175, tradução nossa), ademais “uma tendência de um país poderoso de usar suas colônias ou países que são economicamente dependentes dele para seu próprio benefício econômico e político.<sup>4</sup>” Para Dias (2015) tanto a primeira quanto a segunda definição do termo “colonialismo” elencadas acima, não apresentam uma visão completa sobre o termo, pois não mencionam o fato de as terras exploradas já possuírem seus próprios nativos, nem mostram os europeus se apropriando de terras não virgens e independentes,

---

<sup>2</sup> “policy of extending a country’s power and influence in the world through diplomacy or military force, and especially by acquiring colonies”.

<sup>3</sup> “policy of acquiring colonies and keeping them dependent”.

<sup>4</sup> “tendency of a powerful country to use its colonies or countries that are economically dependent on it for its own economic or political benefit”.

indicando que não estavam à disposição para serem colonizadas, muito menos exploradas. Logo, elas omitem sentidos e informações que são importantes para se reconhecer que o processo de colonização envolve questões como racismo, patriarcado, repressão, opressão, lucro, comercialização, exploração, entre outros.

No que diz respeito a características das sociedades colonizadas, há um consenso entre teóricos de que existem três formas distintas. Elas indicam a forma como as sociedades foram colonizadas. Logo, as colônias podem ser sistematizadas em: “(1) colônias de povoadores, (2) colônias de sociedades invadidas e (3) colônias de sociedades duplamente invadidas” (ASHCROFT et al *apud* BONNICI, 2005, p.228).

Colônias de povoadores, as quais são formadas por países e regiões como a América Espanhola, Brasil, Canadá, Estados Unidos, Nova Zelândia e Austrália tiveram suas terras invadidas por europeus que dominaram os espaços ocupados pelos indígenas, deslocando-os de seus próprios territórios. Esse tipo de sociedade colonizada mesmo após a conquista da independência política não mantiveram sua linguagem indígena como idioma oficial da nação. Conseqüentemente, essa questão do idioma afetou, inclusive, as produções literárias, visto que o idioma nativo ou as línguas faladas pelas diversas tribos foram desqualificados pelos colonizadores e, em muitos casos, proibidos de serem falados, como ilustra o caso da Índia e Irlanda, onde havia punições físicas para quem fosse pego se expressando em língua nativa, notadamente porque a língua inglesa foi imposta a esses povos, conforme ilustra o romance *Retrato do artista enquanto jovem* (1916), do escritor irlandês James Joyce. Contudo, com o passar do tempo, a língua dos invasores passou a ser utilizada para expressar as condições do lugar colonizado e seus povos, e questionar a tirania imperialista, como se vê em *A tempestade* (1611), de Shakespeare.

A segunda forma de categoria são as sociedades invadidas, conforme aconteceu na Índia e na África, por exemplo. Com isso, os escritores locais sofreram e ilustraram em suas obras *the imperial gaze*, isto é, o olhar imperialista dos europeus que consideravam seu povo e cultura como sendo inferiores. Entretanto, em muitos casos, em relação à apropriação do idioma europeu pelos escritores nativos, há de se considerar que, às vezes, ele era utilizado como forma de benefício, pois parecia haver se tornado, de certo modo, mais relevantes aos olhos dos colonizadores, mas também como forma de atingi-los criticamente em uma língua que eles pudessem compreender.

As sociedades indígenas das ilhas do Caribe, por exemplo, são classificadas como sociedades duplamente invadidas, visto que o mesmo país foi invadido diversas vezes por potências europeias distintas. Por conseguinte, elas tiveram sua população nativa quase ou

completamente exterminada em poucos anos após o processo de exploração e “descobrimto”. Aquelas terras foram repovoadas, sobretudo por escravos africanos e colonos europeus. Por consequência, as ações europeias nas ilhas caribenhas consistiram em uma das grandes devastações já ocorridas no processo de colonização, afetando não só a população, mas como o idioma e a cultura locais, devastando-os totalmente, em muitos casos – modelo semelhante ao da colonização espanhola entre os Astecas, Maias e Incas.

Um dos principais pontos que a crítica pós-colonial considera como referência para a compreensão do imperialismo e suas influências é o estudo da produção literária, tanto aquela produzida pelos colonizadores quanto pelos colonizados. No caso das produções de autores nativos, muitos deles pertenciam à classe dominante e suas obras ilustram o contexto do modo de vida das civilizações afetadas pelo domínio imperialista. Além disso, mantiveram a cultura e a história dos povos colonizados preservadas e conhecidas, diante a supremacia eurocentrista que os rotulavam como inferiores.

Segundo Bonnici (2000), o desenvolvimento das literaturas pós-coloniais se realizou, principalmente, como tentativa de restauração de ideologias nacionalistas das nações afetadas pela colonização, como também uma forma de denunciar a opressão europeia. Essas serviram como fatores importantes no processo de descolonização da mente dos nativos, promovendo a conscientização nacional.

Conforme Ascroft *et al* (2002), o processo de desenvolvimento das literaturas pós-coloniais – no sentido daquela produzida em sociedades colonizadas – pode-se dizer que ele se deu através de etapas, sendo, a primeira delas composta por textos que envolviam detalhes dos costumes, fauna, flora e língua das colônias consideradas periféricas, comparando-as com a superioridade da metrópole, centro colonizador. Esses textos sendo escritos por “[...] representantes do poder colonizador (viajantes, administradores, soldados, e esposas de administradores)” (BONNICI, 2000, p.13).

A segunda etapa é representada por textos literários que eram construídos pela perspectiva de autores nativos, criados ou inseridos em um contexto europeu no ambiente colonial. Logo, os textos eram supervisionados pela presença imperial, sendo que os mesmos, nessa época, não possuíam a consciência da relação de opressor e oprimido, assim, segundo Dias (2015), passando uma ideia de gratificação ao europeu por serem os colonizados educados por ele. Bonnici (2000) ilustra isto citando a classe alta da Índia, missionários africanos e degradados na Austrália que se sentiam privilegiados por produzirem através da linguagem da classe dominante obras literárias.

Em relação à terceira etapa, Dias (2015) aponta que os textos literários possuíam certa distinção, especialmente porque promoviam uma desconstrução dos métodos padrões da literatura da metrópole imperialista. Essas produções literárias dependiam ainda da estruturação da escrita e linguagem da metrópole até sua ruptura total. Segundo Bonnici (2000), um exemplo de literatura pós-colonial é o romance *Things Fall Apart* (1958), considerado pelos críticos ingleses uma das primeiras obras a ser considerada pós-colonial, na qual o escritor africano Chinua Achebe

[...] ridiculariza o administrador colonial que deseja escrever um livro sobre os costumes primitivos dos selvagens do alto rio Niger quando o autor já havia exposto a complexidade de costumes, religião, hierarquia, legislação e provérbios da tribo dos Igbos em Umuofia (BONNICI, 2000, p.14).

Ainda a respeito da literatura na época colonial, é importante citar que a mesma estava sob o controle da classe dominante eurocêntrica que, em muitos casos, restringia suas publicações. Em decorrência disso, os textos literários tratavam de fatos ocorridos naquele contexto limitado imposto à colônia. Portanto, para a construção das obras literárias fora do eixo da temática eurocentrista, era ainda necessário se prender ao idioma imposto, isto é, aquele do colonizador, conduzindo o escritor pós-colonial, muitas vezes, à ab-rogação.

Ab-rogação segundo Ashcroft *et al* (2002) é um termo que pode ser considerado como a recusa do colonizado em relação às normas estéticas dos europeus que os colonizava, muitas vezes recusando-se a utilizar o idioma europeu. Contudo, a linguagem é um processo que carrega o peso da experiência. Portanto o escritor pós-colonial se encontra em uma situação difícil ao se deparar com o idioma recebido do centro. Logo, o termo ab-rogação mostra uma solução em refutação aos conceitos e paradigmas eurocêntricos, o uso da apropriação. Com isso, o “colonizado assume a linguagem (e outros itens como o teatro, o filme, a filosofia) do colonizador a seu próprio serviço” (BONNICI, 2005, p.13).

Por outro lado, o escritor pós-colonial na utilização do idioma europeu em seus romances, visa, em muitos casos, abranger um público maior para fazer conhecida sua crítica ao poder opressor e também sua própria cultura. Consequentemente, eles descreviam o ambiente, aspectos culturais não-europeus, como Bonnici (2005) relata, destacando as convicções do nigeriano Achebe, por exemplo, que concorda com o uso do idioma inglês em obras literárias para expor sua cultura a um número maior de leitores.

Em razão das literaturas pós-coloniais serem também uma forma de desmistificação do que se vê nas literaturas imperialistas, elas promoveram um grande abalo no cânone

ocidental, sobretudo porque o cânone literário passou a ser questionado devido ao fato de, em sua ampla maioria, ser composto de homens brancos, cristãos e de classe média, o que excluía autores de minorias, tais como, negros, mulheres e escritores pós-coloniais de ambos os sexos. Segundo Bonnici (2000), para ser considerada canônica, uma obra precisava conter uma complexidade que é adquirida através da escrita e ideologia europeia, tornando-se um modelo universal a ser seguido. Nesse sentido, observa-se que o fator canônico tornava-se um processo de reproduzir a superioridade europeia e constatar o suposto primitivismo da escrita e literatura de autores que pertenciam à colônia e dos demais grupos minoritários acima citados. Assim, promovendo a exclusão de obras de países considerados marginalizados.

Na verdade, as discussões dos estudos pós-coloniais sobre o cânone literário ocidental e as questões políticas e ideológicas que os norteiam tem primado pela busca de reformulações da situação de inclusão/exclusão dos antigos dominantes e dominados. Como várias literaturas de antigas colônias consideradas periféricas abraçaram a língua dos povos dominantes, a exemplo das africanas, os seus países se tornaram economicamente competitivos, como a Índia, tendo recebido maior abertura e entrada para o seletivo grupo de obras canônicas, embora apenas aquelas escritas nos idiomas europeus. Mesmo assim, países como a Austrália que, originalmente possuía uma literatura apenas aborígine, por sua vez continua sendo “[...] considerada periférica diante da literatura australiana em inglês, que por sua parte, já foi considerada periférica no contexto da literatura inglesa” (BONNICI, 2000, p. 20).

É importante mencionar a situação da literatura americana, visto serem os Estados Unidos uma antiga colônia de povoamento inglês. Segundo Bonnici (2000, p. 20), “A literatura estadunidense foi considerada tributária até o século XIX”, sobretudo porque, a partir daquele século, ela passou a ser referência, inclusive para o que se produzia no Velho Continente. Tal abertura foi possível pelo nível do que se passou a produzir ali, mas também em consequência da situação do poder econômico do país que floresceu nos séculos XIX e XX.

Segundo Bonnici (2000, p. 22),

[...] todas as literaturas nacionais desenvolveram o seguinte esquema para chegar a ser considerada como tal: (1) a imitação de um padrão dominante e sua assimilação ou internalização; (2) a rebelião, quando tudo o que foi excluído pelo padrão dominante começa a ser valorizado.

Porém, Tiffin (1998 *apud* BONNICI, 2000, p 22) critica esse conceito acreditando na consolidação da literatura pós-colonial como resposta ao poder imperial, através da subversão,

assegurando uma posição central que questiona os métodos eurocêntricos por meio de estratégias.

O certo é que as estratégias literárias pós-coloniais têm oferecido também ao crítico literário e aos estudiosos de literatura uma oportunidade de analisar textos da metrópole que são considerados canônicos. Isto tem ocorrido, em especial, através da *releitura* e da *reescrita* pós-coloniais, ambos os fatores garantem uma análise crítica e pós-colonial dos textos produzidos pelos colonizadores que, em geral, os reduzem e desqualificam sua cultura, proporcionando um modo de apresentar questionamentos e conceitos mais profundos do texto europeu e de suas ideologias.

A reescrita, no entender de Bonnici (2000), é uma estratégia que o escritor nativo utiliza-se de um texto da metrópole, geralmente canônico, e analisa sua ideologia, e suas características como, linguagem, personagens, locais e estrutura, mas através da criação de um novo texto independente, considerado uma resposta pós-colonial. Bonnici (2000) afirma que *A tempestade*, de Shakespeare, é a obra inglesa canônica mais reescrita como também cita outras obras como os textos adaptados de Lamming e Césaire, e há também *Indigo* (1992), de Marina Warner, e *Tempest-Tost* (1951), de Robertson Davies, e Coetze, conhecido por rescrever o notório romance *Robinson Crusoe* em *Foe* (1986).

Portanto, a reescrita “[...] consiste na apropriação do texto canônico pelo escritor de alguma ex-colônia europeia [...]” (BONNICI, 2000, p 42). Jean Rhys, autora caribenha, mas de pais ingleses, reconstrói em *Wide Sargasso Sea* (1966), através de outra perspectiva, a personagem caribenha Bertha Mason, do romance de Charlotte Brontë, *Jane Eyre* (1847), sendo este o exemplo mais conhecido de reescrita pós-colonial. Segundo Bonnici (2000), a autora mostra como Bertha sofreu com o processo de colonização e objetificação através das ações do seu marido inglês. Diferentemente do romance de Brontë que silencia sobre a questão colonial, uma vez que Bertha nunca fala naquela obra e é representada como um animal, vivendo presa no sótão da mansão inglesa do marido, a obra de Rhys denuncia várias questões que foram sustentadas pelo colonialismo, como a relação entre a metrópole e colônia, escravidão, silenciamento do outro, racismo e machismo.

Por outro lado a estratégia de *releitura* consiste em “[...] uma leitura desconstrutivista aplicada a textos escritos, na maioria das vezes, pelos colonizadores” (Ashcroft, 1998 *apud* BONNICI, 2000, p 43). Assim, “[...] o foco não está mais no poder civilizador, ou seja, na suposta superioridade do colonizador europeu, mas nas estratégias discursivas que reduzem homens e mulheres de raça diferente à condição de subalternos” (DIAS, 2015, p 104). Logo a leitura tem enfoque na desconstrução colonial de textos literários ou não literários que vai

trazer à tona o viés colonial que estava implícito ou não na escrita da obra. Portanto essa estratégia:

[...] descreve o modo pelo qual textos de literatura inglesa podem ser lidos para revelar suas implicações imperialistas e o processo colonizador, fazendo emergir os elementos coloniais que geralmente ficam escondidos (SAID, 1995 *apud* BONNICI, 2000, p 43).

Boehmer (1995), Said (1995) e Bonnici (2000) utilizando a estratégia literária *releitura* para analisar *Mansfield Park* (1894) da escritora inglesa Jane Austen, ressaltam que este romance mostra como a vida inglesa burguesa se mantinha pela escravidão e colonização para a estabilização da situação econômica das famílias de classe alta na Inglaterra. Bonnici (2000) cita *A tempestade* uma das obras mais conhecidas de Shakespeare como uma das mais reescritas e também mais reinterpretadas, notadamente por essa obra já utilizar ideologias coloniais e pós-colonias imbuídas em sua escrita.

Diante do exposto, conclui-se que a *releitura* e a *rescrita* tem por finalidade problematizar questões que envolvem a denúncia dos atos imperiais durante a colonização, abordando obras canônicas, “que desafiam a noção da universalidade literária européia” (DIAS, 2015, p 133) embora não se limitando apenas a elas, [...] mas visa[m] também relatos antropológicos, documentos históricos e análises científicas” (BONNICI, 2000, p 41).

## 2.2 CONCEPÇÕES DE RAÇA, CLASSE E IDENTIDADE

A palavra raça “vem do latim **ratio**, significando categoria, espécie” (UNIFESP e BRASIL, 2005, p. 3). Esse termo, segundo a biologia, é utilizado para a classificação dos seres vivos em categorias, enquanto que no meio social ele é usado para determinar grupos étnicos através das suas características físicas ou genéticas. Cashmore (2000) afirma que raça são grupos de pessoas que compartilham a mesma origem comum.

Esse termo, por séculos, até mesmo na época colonial tem por característica classificar o indivíduo através de seus aspectos físicos, como a cor da pele, que era um fator essencial para determinar a sua hierarquia em um grupo social. Características físicas, tais como: espessura do cabelo, pigmentação da pele, proporção e cor dos olhos, era considerada como fatores essenciais para a determinação de seu nível de inteligência, comportamento e moralidade.

Segundo Bonnici (2005, p. 50), o termo raça desde a sua introdução tem sido utilizado para a classificação dos seres humanos, sendo dividida em: “raças puras e híbridas, tipos humanos imutáveis, comportamentos, habilidades e hierarquias inatas e diferentes.”. Na época colonial o racismo já estava encrustado na sociedade europeia, com isso, os grupos separavam os seres humanos não apenas em categorias étnicas “[...] mas especialmente hierarquizados entre categorias superiores (os brancos) e inferiores (os africanos negros), com várias nuances intermediárias” (BONNICI, 2005, p. 50).

Para Bonnici (2005) segundo antropólogos e geneticistas, a questão de raça não pode ser aplicada ao ser humano moderno; a classificação morfológica ainda se depara com a falta de genoma para haver uma classificação concreta da subespécie. Então regiões e países que foram submetidos ao colonialismo, como América do Sul, África e Caribe vão possuir classificações que ressaltam a sua aparência em relação distinta da do europeu.

Como elencado acima, alguns conceitos para o termo “raça” demonstram que, para os europeus, a questão da separação de raça se tornou um fator crucial para a sua invasão as terras que não lhes pertenciam. A dominação europeia desconsiderou completamente os proprietários das terras invadidas, construindo sua própria forma de vê-los, como pessoas de raças inferiores. Logo, sendo a cor da pele um dos fatores para ocorrer uma subdivisão entre raças superiores e inferiores.

Cashmore (2000) apresenta “raça” como uma condição de construção grupal que as pessoas elaboram para encontrar seu próprio grupo como uma forma de estabelecer sua identidade. Com isso, é realmente necessário perceber que é importante notar a maneira como o termo “raça” é empregado em uma sociedade que não distinga raça apenas como uma classificação biológica ou científica, que na verdade esses aspectos traz em si toda uma questão de divisão social impregnada pelos dogmas europeus.

Na concepção de Bonnici (2005), o processo de colonização se tornou uma situação grave de preconceito sobre populações que não possuíam características eurocêntricas como os povos da costa africana e os aborígenes da Austrália por possuírem a pele escura ou serem consideradas minorias. Dias (2015) ressalta que essa relação entre colonizador e colono empregou ao termo “raça” classificações que resultaram em um relacionamento de desigualdade entre eles. Com isso, a condição do preconceito racial manifestou-se, elevando-se em um nível hegemônico abrindo espaço para a escravidão no século XVI (BONNICI, 2015).

Bonnici (2005) destaca que, pelas doutrinas darwinistas no século XIX, o papel inferior dos colonizados era um fato natural devido à teoria evolucionar. Considerando as

condições entre colono e colonizador, essas ideologias racistas formaram uma condição que identifica biologicamente pessoas que são compatíveis em certas formas de tarefas segundo suas características físicas. Sobre isso Césaire (1978) pontua ideologias racistas até mesmo sobre povos que não são de raças escuras. Ele reproduz o pensamento de certos cientistas europeus que afirmam que a raça chinesa foi gerada naturalmente como pessoas hábeis para o trabalho a mão, com pouco senso de justiça, enquanto que os negros são classificados como uma raça que é perfeita para o trabalho na terra, sendo a raça europeia classificada como senhores, conquistadores e ótimos soldados. Portanto, para a raça branca européia, as outras raças eram consideradas apenas como seres que são apropriados para mão de obra ou escrava.

Diante dessa separação de tarefas com base em ideologias racistas, a manifestação da suposta inferioridade na comunidade negra foi um dos grandes pontos para a sua deterioração. A inferioridade torna o negro um ser deslocado diante da sociedade branca que, no caso, seria a predominante e vista como superior. Sendo assim, a figura do negro foi forçada a se ver como uma pessoa que precisa ser aceita ou ser capaz de se incluir naquele universo branco. Porém, como sua cor de pele não corresponde aos padrões exigidos pela comunidade, o mesmo começa a se deslocar da coletividade que é de origem, através de pequenas mudanças em suas próprias características culturais, como roupas, gestos e, principalmente, a linguagem que passa a ser imitada. Como aponta Westermann (*apud* FANON, 2008, p. 40):

Usar roupas europeias ou trapos da última moda, adotar coisas usadas pelos europeus, suas formas exteriores de civilidade, florear a linguagem nativa com expressões europeias, usar frases pomposas falando ou escrevendo em uma língua europeia, tudo calculado pra obter um sentimento de igualdade com o europeu e seu modo de existência.

Ainda conforme analisa Fanon (2008), qualquer civilização que foi desviada do seu seio de origem cultural está totalmente a mercê de se posicionar a favor da cultura/linguagem do colonizador. Por isso, para o colonizado, ao se desvincular de sua natureza vista como selvagem, ele se apropriava das ideologias do branco para se reafirmar como um sujeito civilizado incluso em um mundo de progresso e civilidade. Então, reproduzir os hábitos da metrópole era uma espécie de honra para muitos indivíduos de raças não brancas e uma forma de serem implicitamente aceitos.

Essas questões conduzem a alienação do povo colonizado ou de pessoas negras e raças diferentes. Logo, o colonialismo tinha por objetivo desestruturar a consciência do nativo através de discursos de superioridade. No entender de Fanon (2008), a alienação é de estrutura quase intelectual, assim, a partir do momento em que o nativo tenta se deslocar de sua origem

para abraçar a cultura europeia, ele passa a ser um alienado, a exemplo da obra *The Bluest eye* (1970), da escritora americana Toni Morrison (1931- ), que retrata o mito da beleza branca através de personagens negras que se associam a tal cultura para se sentirem mais incluídas, renegando sua cor e cultura para se afastarem das relações de marginalização. Nesse sentido, Fanon (2008, p. 188) conclui que:

O negro quer ser como o branco. Para o negro não há senão um destino. E ele é branco. Já faz muito tempo que o negro admitiu a superioridade indiscutível do branco e todos os seus esforços tendem a realizar uma existência branca.

Conforme destaca Dias (2015), interligada a esta questão está a questão de classe social, conforme mencionado anteriormente. Ora, o conceito de classe pode ser definido como um conjunto de pessoas com interesses ou circunstâncias semelhantes que ocupam um mesmo espaço. Embora, o sistema de classe seja uma subjetividade social, eles demonstram fatos reais que estão incluídos em um sistema real social, já que pessoas ocupam lugares diferentes e posições distintas na sociedade. Logo, conceito de classe social é um modo que o sociólogo utiliza para exprimir a realidade no mundo social (DIAS, 2015).

Logo, classe social indica não somente pessoas com semelhanças ou interesses iguais em um espaço social, mas também apresenta que entre essas classes existe a presença de hierarquias. Isso ocorre pelo o motivo de as pessoas ocuparem lugares considerados superiores do que outros, porquanto isso implica que certas pessoas vivem em uma condição mais vantajosa socialmente no mundo. Assim, na divisão de classes sociais, existem pessoas mais ricas e outras mais desprovidas; em relação à política, umas tem poder mais elevado que outras, e no sentido simbólico umas possuem mais prestígios que outras. Então a classificação social consegue perceber a distinção de grupos em uma sociedade na qual se podem conectar as relações de subordinado e dominador (DIAS, 2015).

Ainda as implicações da existência de classe e raça foram fatores importantes para a denominação e suposta superioridade europeia. De acordo com Bonnici (2005), o grau de classificação no mundo colonial ocorria de acordo com a ideologia de superioridade racial no qual a África e as Américas ocupavam o último lugar – embora deve-se considerar que países católicos europeus também ocupavam, no imaginário coletivo do restante da Europa, uma posição de inferioridade, sendo eles vistos como atrasados e de cultura inferior. Esta classificação entre partes da Europa também inclui países supostamente na liderança do continente, tais como Inglaterra, França e Alemanha como superiores, em detrimento de

outros de menor influência naquele cenário das relações internacionais, tais como Finlândia, Grécia e Itália, conforme se verá no capítulo 3, na análise de *O grande Gatsby*. Assim essa classificação entre raças se tornou algo comum na sociedade na qual se iniciou uma reprodução dessa ideologia, sendo transmitida de geração a geração.

Diante do que foi apresentado, é possível notar que o colonialismo é resultado de um poderoso centro com ideologias de superioridade que operam na criação de nações periféricas. Logo, o colonialismo dividiu o mundo hierarquicamente em duas partes na qual o centro atuava como absoluto em sua suposta superioridade se estabelecendo sobre a existência do outro colonizado inferiorizado. Nesse contexto, o centro se posicionava como avançado, como o mundo civilizado, no que influenciou a existência do conceito de povos subalternizados como selvagens (no caso daqueles de raças escuras) e inferiores (no caso dos amarelos), ou até mesmo brancos, como os irlandeses, escoceses, ou ainda os descendentes de colonos brancos, nascidos nas colônias, como mostra o romance *Jane Eyre* (1847), de Charlotte Brontë, através da personagem Bertha Mason. Portanto, a questão da superioridade sobre a qual os poderes coloniais se construíram passou a existir graças a fatores ideológicos resultantes do binarismo que exige a presença “[...] do outro e de outra cultura, diferente e inferior” (BONNICI, 2005, p. 20).

Algo importante de ser mencionado quando se trata de colonialismo é a questão da construção da identidade do ser colonizado. Nesse sentido, é de suma importância compreender como os dogmas europeus que afligiram boa parte da população do resto do mundo conseguiram desmaterializar várias culturas e nações, tornando-as meros objetos para suas próprias conquistas e benefícios, como no caso da África. Portanto, a relação de poder criada do colono sobre o colonizador despertou uma construção de inferioridade na identidade que expandia a relação do poder eurocêntrico.

Esta questão está diretamente ligada à discussões sobre identidade. Dias (2015) destaca que a identidade é um conjunto próprio de características que a pessoa possui e que as diferencia umas das outras. Nas relações sociais ela se desenvolve através da coletividade aonde as pessoas vão se identificar umas com as outras no que concerne as suas similaridades. Nesse sentido, identidade individual e identidade coletiva estão sempre caminhando uma do lado da outra, já que ambas formam o verdadeiro sujeito.

Quando se observa como as identidades são formadas e criadas é possível identificar que envolve questões do “eu” e do “outro”. Essas formações indicam o binarismo que:

A partir da noção de Saussure de que o significado constrói através da diferença, Lévi-Stauss desenvolveu, no contexto do estruturalismo antropológico, a operação mental básica de *oposições* ou *binarismo* (comestível – não comestível; luz – escuridão; sagrado – profano), a qual foi importante para o pós-estruturalismo dos anos 1970 (BONNICI, 2000, p. 17).

No caso do colonialismo, o “outro” foi construído de forma negativa, sendo associado à selvageria (sobretudo no caso dos negros) e à marginalização, de modo que, quando o colonizador se põe no poder e assume o controle da nação, ele se estabelece no centro como sujeito e reduz o colonizado ao outro em um sentido negativo. Portanto, a construção do sujeito colonizado (outro) é um processo criado pelo império, através do colonizador (Outro). Logo, na concepção de discurso do poder o Outro fabrica o sujeito colonial para excluí-lo e dominá-lo, conforme se vê na obra *Robison Crusoe* (1719) do escritor inglês Daniel Defoe (1660) analisado por lentes pós-coloniais a problemática da questão do outro no personagem Friday, discutida por Bonnici (2000).

Silva (2000, p. 74 *apud* DIAS, 2015, p. 85), ao tratar da construção da identidade destaca a suposta facilidade que seria definir esse termo, pois sobre isso basta relatar as características do sujeito: “a identidade é simplesmente aquilo que se é: ‘sou brasileiro’, ‘sou negro’, ‘sou heterossexual’, ‘sou jovem’, ‘sou homem’”. Portanto, quando se fala de identidade, ela parece se referir a algo independente, característico do próprio sujeito. Porém, o processo de construção de identidade também envolve as relações que o sujeito enfrenta no decorrer de sua vida, com isso construindo algumas camadas da sua identidade. A este respeito, pode-se mencionar a questão de gênero, como identidade de gênero no qual o sujeito se identifica como sendo homem ou mulher ou fora dessa classificação. Outro exemplo diz respeito à identidade cultural, na qual o cidadão se identifica ou tem um sentimento de pertencer a uma cultura ou não (DIAS, 2015).

Para Fanon (2008), a população negra, uma das mais afetadas pelo colonialismo, ficou marcada por esta questão da identidade em relação aos horrores impostos pela supremacia branca. O autor discorre sobre a dificuldade para um sujeito negro dissociar-se da impregnação branca na cor da pele e cultura do branco: “A civilização branca, a cultura europeia, impuseram ao negro uma um desvio existencial” (FANNON, 2008, p. 30). Portanto, observa-se que a questão da construção da identidade apresenta uma elevada importância nas relações históricas, como mostram os Estudos Pós-coloniais, uma vez que afeta as relações entre colonizado e colonizador e como essas experiências mostram o quanto a identidade de um sujeito ou de uma raça é influenciada pelas relações culturais e sociais do seu meio social.

Ainda segundo Fanon (2008), com relação à desconstrução da identidade do negro ou qualquer sujeito que foi afetado pela colonização, o processo de negação da própria identidade está ligada à ideologia que foi desenvolvida pelo complexo de superioridade do europeu, o qual impôs um complexo de inferioridade aos indivíduos marginalizados por aquela experiência. Logo, essas questões de inferioridade e superioridade levaram o ser colonizado à repressão, o que os induziu ao fenômeno da violência. Tais acontecimentos levaram o sujeito oprimido em busca da libertação das correntes que o opressor os colocou. Um exemplo de violência do sujeito oprimido é a personagem caribenha Bertha Mason da obra *Jane Eyre* (1847), da escritora britânica Charlotte Brontë (1816), que demonstra com atos considerados violentos a sua insatisfação com o poder colonial e patriarcal.

Segundo Bhabha (1998), o processo colonial desenvolveu três aspectos de construção de identidade. Primeiro: “[...] existir e ser chamado a existência em relação a uma alteridade [...]” (BHABHA, 1998, p. 76), ou seja, é necessário sua existência para um Outro. Logo, a construção do sujeito é diretamente dirigida ao Outro, assim o local do outro vai ser o ponto de desejo de construção do sujeito. Portanto, o colonizado sonha em ocupar o lugar privilegiado do colonizador, como afirma Bhabha (1998, p. 76): “E sempre em relação ao lugar do Outro que o desejo colonial é articulado”

O segundo aspecto de construção de identidade em um contexto colonial, segundo Bhabha (1998), diz respeito ao espaço de desejo que o colonizador quer possuir, sendo este o ponto de cisão entre a relação do colonizado e do colonizador formando um anseio por vingança. Pois, ao mesmo tempo em que o colonizado anseia por ocupar o espaço central, ele não quer abrir mão de seu lugar de colonizado, ou seja, seu desejo é de “ocupar o lugar do senhor enquanto mantém seu lugar no rancor vingativo do escravo” (BHABHA, 1998, p. 76).

E por fim, no terceiro aspecto, Bhabha (1998) relata que a questão do processo de identificação não está relacionado a uma imagem de uma identidade preexistente ou pré-estabelecida. Assim, essa imagem está relacionada a uma produção de identidade que o sujeito assume e como essa imagem construída o transforma.

Nos estudos pós-coloniais um ponto importante a ser mencionado é a questão da mulher nas relações coloniais. Segundo Bonnici (2005), tanto a mulher como o sujeito colonizado, em geral, obtiveram processos de experiências semelhantes. Nesse sentido, Bonnici (2000) destaca que tanto a crítica feminista como a crítica pós-colonial possuem suas semelhanças:

Embora à primeira vista pareça que entre o feminismo e o pós-colonialismo não haja muita coisa em comum, uma análise mais profunda mostra que a

inter-relação e a interatividade entre os dois discursos são tão incisivos que o feminismo é considerado um tropo do segundo (BONNICI, 2000, p. 153).

Dias (2015) ressalta que o feminismo adotou termos que apresentam o discurso entre colônia e metrópole que está presente na corrente de pensamento pós-colonialista. Por conseguinte, conceitos de voz, linguagem, silêncio, imitação e discurso são utilizados por feministas para analisar e identificar o discurso patriarcal na situação da mulher. Essas questões de identidade e representatividade feminina tem sido pauta de ambos os movimentos, tanto da crítica pós-colonialista quanto da feminista.

Bonnici (2005), ao comentar a questão da mulher colonizada, aponta que não foram somente as mulheres de raças não brancas que sofreram com as questões de opressão colonial. O corpo da mulher é totalmente sexualizado e tornado apenas objeto do possuidor, a exemplo do poema “To his misters going to bed” de Jonh Donne no qual metaforicamente a mulher é retratada como colônia que o homem branco poderá conquistar aquelas terras (DIAS, 2015).

Com relação à situação da mulher colonizada, é preciso citar que a mesma é conhecida por ser duplamente colonizada justamente pelo poder patriarcal que assolava tanto a colônia como o centro imperialista. Em sua obra *Pode o Subalterno Falar?* (2010), Spivak relata as condições do sujeito colonizado, porém a autora centra-se precisamente na mulher pobre, negra, sujeita ao colonialismo. A autora afirma que a mesma está à mercê mais ainda do sujeito homem, pois ela se submete ao colonizador branco e o homem colonial, que no caso pode ser pai, irmão, tio. Sendo assim, o sistema patriarcal torna o sujeito mulher da colônia inferior ao subalterno o homem da colônia, sustentando a duplicidade da colonização da mulher da colônia.

Spivak (2010) questiona o poder de fala da mulher colonizada como silenciada pelo poder colonial e patriarcal, afirmando que tanto essa mulher como o sujeito colonizado, simbolizado como subalterno, perderam seu poder de voz, conseqüentemente criando uma possibilidade de uma perda total de resgatar essa voz. Segundo a mesma, os outros são negados o seu poder de voz pelo homem branco que está em um lugar privilegiado diferentemente dos sujeitos subalternos. Bonnici (2000) citando a autora Spivak mostra que tanto no ambiente colonial como no aspecto de gênero, o homem é o sujeito dominante. Portanto, “A autora conclui que o subalterno não pode falar” (BONNICI, 2000, p. 136).

A este respeito, Bonnici (2005) ainda comentando o pensamento de Spivak (2010), relata que é impossível para o subalterno recuperar sua voz ante o poder colonial e do patriarcado. Nesse sentido, o subalterno é considerado um resultado do poder imperial que perdeu sua capacidade de fala diante da construção de sua própria subjetividade e identidade

pelo seu outro antológico (BONNICI 2000). Conforme está presente na obra *Foe* (1986), do sul africano J.M. Coetzee, através do silêncio do personagem Friday. Este romance é uma releitura pós-colonial de *Robinson Crusoe* (1719), do inglês Daniel Defoe.

Bonnici (2000), ao reproduzir o pensamento de Spivak (2010) mostra que a voz do subalterno existe, porém não se pode separá-la da do discurso imperial, especialmente porque neste contexto, “Para Spivak todo discurso é discurso colonial” (BONNICI, 2000, p. 136). Logo, as questões imperiais tratam de um poder iminente tão forte que ficou impregnado no sistema cultural do nativo. A autora destaca a organização de resistências contra o silêncio e a ausência de voz do sujeito oprimido. Spivak (2010) ressalta que o intelectual pós-colonial tem a tarefa de criar um espaço para o subalterno falar.

Para Bhabha (1998), o subalterno procura uma ligação à cultura do colonizador, reproduzindo, por vezes, imagens da cultura dominante sobre si mesmo. Bonnici reforça chamando o sujeito colono de copiador: “A mímica é a tentativa pelo colonizado para copiar o colonizador. Isso acontece quando o colonizado assume hábitos culturais e valores do colonizador” (BONNICI, 2005, p. 41).

### 3. IDEOLOGIAS IMPERIALISTAS: O EU E O OUTRO

#### 3.1 A REPRESENTAÇÃO DE ESTRANGEIROS

Segundo Chauí (2008), o termo ideologia foi originado pelos conceitos de Destutt Tracy (1754-1836) que o define como estudo das ideias que estão conectadas com a interação da natureza e do corpo humano. Porém, esse termo nos tempos atuais apresenta uma complexidade maior. Para Contrim e Fernandes (2013, p.149): “Hoje, o uso desse termo generalizou-se para referir-se ao conjunto das ideias que caracterizam determinado grupo social (político, econômico, religioso etc.)”.

A respeito disso Karl Marx (1818-1883) apresenta um conceito mais específico para o termo ideologia. Segundo Contrim e Fernandes (2013), ao comentarem os postulados de Karl Marx, relatam que a ideologia não é apenas um conjunto de ideias que apresentam uma realidade, mas como também esse conjunto de ideias disfarça essa realidade. Logo, para Karl Max o conceito de ideologia está ligado à questões de classe, por exemplo, que no caso do pensamento ideológico sustenta a formulação de dominação de uma classe social sobre a outra.

Nessa perspectiva, a ideologia imperialista concebe um ideal em que a condição europeia era superior a outros modelos de forma civilizatória. Com isso, quem não se encaixasse nos conceitos eurocêntricos era considerado inferior, ou seja, um sujeito selvagem. Assim, o sujeito branco, cristão seria detentor de uma suposta superioridade de raça e cultura diante as outras com uma missão de trazer para a luz do progresso essa massa considerada descivilizada e atrasada, como mostra o poema “O fardo do homem branco” (1899), de Kipling. Sobre as questões de civilizar o Outro, Bonicci (2005, p.41) afirma que: “A missão civilizacional é a convicção de que certas nações tinham uma vocação para civilizar outros povos encontrados em estágios supostamente inferiores de desenvolvimento.”

Para analisar a obra *O Grande Gastby* pelas lentes da corrente de pensamento póscolonialista é preciso observar cautelosamente os detalhes que o texto apresenta, sobretudo em relação às ideologias imperialistas que ele transmite e valida. Primeiramente é necessário observar que toda a história do protagonista e outros personagens da trama são narrados através do personagem Nick Carraway, um homem branco que traz para uma análise toda uma saliência relacionada à raça e classe, ou seja, os diversos personagens apresentados na narrativa estarão sob o julgamento de um sujeito que para a sociedade é construído com privilégios.

Como um sujeito branco que foi crescido com conceitos de privilégio, nota-se a falta de noção ou realidade do personagem ao mencionar o colonialismo como uma aventura. Apagando, assim toda uma história de devastação de outras nações e culturas que o colonialismo causou, quando o personagem fala:

E assim comecei a caminhar já não me sentia mais sozinho. Agora eu me transformara em um guia, um desbravador de caminhos, um autêntico colonizador. Com a maior naturalidade, ele presumiu que eu conhecia perfeitamente a região e começou a percorrer o bairro em total liberdade (FITZGERALD, 2011, p. 5).<sup>5</sup>

A fala do personagem aponta que o mesmo está em seu devido lugar. Como homem branco colonizador, ele se vê como explorador e não como um devastador de nações e culturas. Ainda indica que o colonizador tem total liberdade para andar sobre aquelas terras, sendo que o mesmo não é dono, ou possuidor daquela região, esquecendo e apagando o verdadeiro dono dela, no caso dos indígenas.

O protagonista, Jay Gatsby, inicialmente é um sujeito misterioso que no decorrer da narrativa, o narrador vai revelando progressivamente seu passado. E no decorrer da obra descobre-se que toda a motivação do personagem principal é devido a Daisy, a heroína, seu antigo amor do passado. É importante ressaltar como o passado e o presente de Gatsby e como também a personalidade materialista de Daisy são elementos necessários para o desenrolar da trama.

Notadamente as questões citadas acima sobre os personagens tem uma ligação com o espaço e a mentalidade imperialista apresentada pelo narrador e principais personagens, como Daisy e seu marido, Tom. Os Estados Unidos foram uma colônia inglesa, porém a obra em estudo foi escrita no início dos anos 20 e seu contexto interno é esta mesma década. Portanto, já havia um crescimento abundante na situação econômica do país e ele já havia adquirido sua independência desde 1776. Logo, a situação dos americanos era vista em uma posição de metrópole influenciadora e eminente de poder, especialmente porque se tornou um império moderno, através tanto de práticas imperialistas antigas (como a aquisição de Porto Rico, Filipinas, etc), como pela prática neocolonial (aquela adquirida através da influência indireta em outras nações, como por exemplo, através de acordos políticos, a propagação da própria cultura através de filmes, música, etc.). Porém, o país ainda carregava consigo dogmas

---

<sup>5</sup> “And as I walked on I was lonely no longer. I was a guide, a pathfinder, an original settler. He had casually conferred on me the freedom of the neighborhood.” (FITZGERALD, 1995, p. 13).

eurocêntricos. Um exemplo é que na obra os personagens para demonstrar refinamento, elegância e reafirmar o poder de status, recorriam a elementos europeus.

Toda a concepção e construção do personagem *Gatsby* tem uma relação com a Europa para o mesmo se reafirmar como um sujeito da classe superior. Como citado antes, Daisy era uma moça materialista e rica, que levava uma vida de superficialidade. Já *Gatsby* era um jovem de origem humilde que não poderia manter a vida de luxo que ela ansiava em manter após casarem-se. Isso o afetava, tornando um sujeito inferiorizado pelo seu status e classe social. Diante disso, ele buscou formas de se tornar rico para conquistá-la, já que ela recusou seu pedido de casamento alegando questões financeiras. Com isso, *Gatsby* entra no submundo do crime e se torna um sujeito milionário, porém para reafirmar o seu status de superioridade, ele se apoia em recursos europeus.

Um dos elementos europeus que o protagonista utiliza é a questão da qualificação de sua educação. O mesmo espalhou boatos que estudou na Oxford: “Bem, uma vez ele me disse que tinha estudado na Oxford” (FITZGERALD, 2011, p.37)<sup>6</sup>. Essa informação traz uma grande importância para o status do personagem. Assim, a concepção de uma falsa educação em universidades europeias carrega um poder de título de nobreza às pessoas. Ainda é importante citar que o mesmo se apoia em pessoas com títulos nobres: “Aqui está outra coisinha que sempre trago comigo. Uma lembrança de meus dias em Oxford. Foi tirada na Quadrilátero da Trindade. O homem a minha esquerda é agora o Conde de Doncaster” (FITZGERALD, 2011, p. 49)<sup>7</sup>.

Ainda *Gatsby* concede poder ao seu status ao citar seu passado fictício, afirmando que sua família era de uma linhagem que frequentou a universidade de Oxford: “[...] porque todos os meus ancestrais frequentaram aquela universidade. É tradição de família” (FITZGERALD, 2011, p. 48)<sup>8</sup>. Assim, destacar sua linhagem intelectual e internacional era uma forma de classificar famílias americanas ou europeias tradicionalmente ricas. Portanto, para estabelecer uma superioridade de classe dominante, os americanos recorriam a símbolos europeus, demonstrando o fato de ter se tornado uma grande potência não apagou os traços de inferioridade em relação ao Velho Mundo.

---

<sup>6</sup> “Well, - he told me once he was an Oxford man.” (FITZGERALD, 1995, p. 51).

<sup>7</sup> “Here’s another thing I Always carry. A souvenir of Oxford days. It was taken in Trinity Quad – the man on my left is now the Eral of Doncaster.” (FITZGERALD, 1995, p. 66).

<sup>8</sup> “because all my ancestors have been educated there many years. It is a family tradition...” (FITZGERALD, 1995, p 64).

Estas questões ligadas à Europa, mais especificamente à Inglaterra, mostram o fascínio que aquela cultura ainda exercia no imaginário americano, funcionando como elementos que conferiam qualificações suficientes a Gatsby para alcançar o nível de Daisy. Por outro lado, elas ilustram a questão da ideologia imperialista acerca da hierarquia de espaços que funciona na obra, reforçando a superioridade do que é Europeu e, como se verá adiante, a suposta inferioridade de outros espaços (DIAS, 2016).

A obra utiliza também a questão de linguagem para expressar personagens que não são nativos americanos. No caso, personagens estrangeiros na obra são representados como motivo de chacota, já que os mesmos são de lugares considerados não privilegiados. Personagens como o senhor Wolfsheim que é apresentado como amigo de Gatsby, inicialmente percebe-se que o mesmo é judeu, uma religião que não entra nos polares tradicionais do europeu. Como também a forma que sua aparência é descrita pelo narrador, como uma pessoa desleixada e fora dos padrões de beleza europeu: “Um judeu pequeno e de nariz achatado levantou sua cabeça grande e me contemplou através de dois belos tufo de pelos que cresciam cheios de viço pelas narinas” (FITZGERALD, 2011, p. 139)<sup>9</sup>. Os judeus são frequentemente vítimas de ideologias imperialistas religiosas e raciais no universo inter e extra textual, sendo representados na literatura anglo-americana, por exemplo, como perversos por terem ordenado o assassinato de Cristo; como gananciosos e interesseiros, e como de aparência desagradável, como ilustra a peça *O mercador de Veneza* (1605), de Shakespeare e o romance *Focus* (1945), de Arthur Miller. Nesta obra em estudo, a outremização do judeu ocorre principalmente pela sua aparência.

Já o grego Mavromichaelis vizinho de Wilson, marido da amante de Tom, Myrtle, possui também um papel que merece destaque na análise desta obra na perspectiva pós-colonial. É importante mencionar que a Grécia ou outro país do continente Europeu que não pertencia à elite europeia (Inglaterra, Alemanha e França) são países considerados periféricos. Logo, Mavromichaelis presta depoimento sobre a morte de Myrtle, atropelada por Daisy e Gatsby. Nesta ocasião, percebe-se que ao relatar o seu depoimento o policial tem dificuldade de entender a pronúncia do inglês do grego tornando o momento um pouco mais cômico para a situação pesada que se apresenta na narrativa. Com isso, por possuir dificuldade de falar o idioma americano ele se torna uma pessoa estúpida e ridicularizada pelo

---

<sup>9</sup> “A small flat-nosed Jew raised his large head and regarded me with two fine growths of hair which luxuriated in either nostril.” (FITZGERALD, 1995, p. 68).

olhar do narrador, sendo visto como mais um imigrante de um país empobrecido e sem relevância política, que não está no mesmo nível dos seus demais pares europeus:

O jovem grego chamado Michaelis, proprietário do café e restaurante que se localizava junto aos montes de cinza, foi a principal testemunha no inquérito [...] Mavromichaelis nem ao menos tinha certeza da cor do veículo - disse ao primeiro policial que era verde-claro (FITZGERALD, 2011, p 100)<sup>10</sup>.

[...] Tom ergueu a cabeça com um gesto brusco e, depois de passar o olhar vidrado ao redor da garagem, dirigiu ao policial uma observação incoerente e meio mastigada. - “M-a-v...” - falava o policial. - “o”... - Não, “r” - corrigia o homem. - “M-a-v-r-o...” - Escute! - resmungou Tom, ferozmente. - “R” - disse o policial - “o...” - “M...” - “M...” - repetiu o policial, erguendo os olhos quando a mão larga de Tom caiu de repente em seu ombro. - O que você quer? Havia dois carros - disse Michaelis. - Um vindo e o outro indo, viu? - Indo para onde? - quis saber o atento policial. - Um indo para cada lado. Bem, ela... [...]” (FITZGERALD, 2011, p 102)<sup>11</sup>.

Na verdade, *O grande Gatsby* mostra um verdadeiro fascínio pela cultura grega clássica, mas como perdeu poder nas relações internacionais e empobreceu, aquele país e seus cidadãos são vítimas do olhar preconceituoso do americano (DIAS, 2016).

Mavromichaelis, assim como o senhor Wolfsheim é considerado como alguém incapaz de pronunciar palavras em inglês corretamente. Com isso, ele se torna o “outro” que é considerado inferior por possuir um idioma ou cultura diferente da dominante que é a americana. Conforme pode ser visto nos fragmentos a seguir, mais um personagem estrangeiro tem seu sotaque ridicularizado por americanos e tratado como marcador da sua suposta inferioridade:

[...] As narinas do sr. Wolfsheim voltaram-se para mim, com interesse. - Segundo entendo, você está procurando uma “gonegsão” comercial Ele estudou em “Oggsford” [...] Pois é. Ele frequentou a Universidade de

<sup>10</sup> “The young Greek, Michaelis, who ran the coffee joint beside the ashheaps was the principal witness at the inquest. [...] Michaelis wasn't even sure of its color - he told the first policeman that it was light green.” (FITZGERALD, 1995, p. 126-127).

<sup>11</sup> “Presently Tom lifted his head with a jerk and, after staring around the garage with glazed eyes, addressed a mumbled incoherent remark to the policeman. “M-a-v-.” the policeman was saying, “-o-.” “No, - r - .” corrected the man, “M-a-v-r-o.” “Listen to me!” muttered Tom fiercely. “r -.” said the policeman, “o-.” “g-.” “g-.” He looked up as Tom's broad hand fell sharply on his shoulder. “What you want, fella?” “What happened? -that's what I want to know.” “Auto hit her. Ins'tantly killed.” “Instantly killed,” repeated Tom, staring. “She ran out ina road. Son-of-a-bitch didn't even stopus car.” “There was two cars,” said Michaelis. “One comin', one goin', see?” “Going where?” asked the policeman keenly. “One goin' each way. Well, she.” (FITZGERALD, 1995, p. 129).

“Oggsford”, na Inglaterra. Já ouviu falar na Universidade de “Oggsford” (FITZGERALD, 2011, p. 52 - 53)<sup>12</sup>.

Para um leitor que desconhece a perspectiva pós-colonial de análise literária, ele poderia analisar esta questão exposta acima apenas como um “alívio cômico”, especialmente pelo personagem pronunciar “Oxford” e “conexão” de uma forma incorreta, o que poderia ser visto apenas como algo que traria para a situação um tom mais leve e divertido.

Outro estrangeiro que é citado na obra é um menino italiano. A Itália nos anos de 1920 é um país que tentou sua participação nas investidas imperialistas europeias na África, porém sem sucesso, passando a ser ignorada pelos três países do eixo central e dominante europeu. Aquele país sofreu com a I Guerra Mundial, que não trouxe grandes benefícios para a sua relação com outros países europeus, diferentemente dos EUA, que após a I Guerra Mundial se estabeleceu como uma grande potência econômica levando os americanos a um estado de euforia e delírio. Este é um caso semelhante ao da Grécia e seu legado político e cultural que é representado de forma semelhante em preconceito.

No caso do personagem italiano, ele é descrito como uma criança suja e se preparando para comemorar o quatro de Julho, o dia da independência americana. Primeiramente é necessário observar o local onde o garoto está, pois é onde a amante de Tom vive, em um local de pessoas pobres. Logo, o imigrante italiano pertence a uma classe inferior e sua origem cultural não é considerada favorável, já que seu país não tem mais o poder político de sua era imperialista. É importante mencionar o fato de que se assumisse que o mesmo iria comemorar uma data unicamente para o povo americano, assim apagando a cultura do mesmo, pode-se afirmar que o personagem esteja em um processo de alienação no qual esquece sua cultura local e se incluiu na cultura dominante, como ocorre na seguinte citação: “Faltavam alguns dias para o Quatro de Julho e uma criança italiana, cinzenta e esquelética, estava colocando uma fileira de foguetes ao longo dos trilhos da estrada de ferro” (FITZGERALD, 2011, p. 21)<sup>13</sup>.

Este personagem também ilustra uma tendência na literatura americana, a de representar imigrantes pobres fascinados pela cultura de origem, uma representação sutil do Sonho Americano que atraiu milhares de estrangeiros de boa parte do mundo para aquele país.

---

<sup>12</sup> “His nostrils turned to me in an interested way. I understand you’re looking for a business connection. “He’s an Oggsford man.” [...]”. “He went to Oggsford College in England. You know Oggsford College?”. (FITZGERALD, 1995, p. 69-70).

<sup>13</sup> “It was a few days before the Fourth of July, and a gray, scrawny Italian child was setting torpedoes in a row along the railroad track.” (FITZGERALD, 1995, p. 32).

Embora muitos deles fossem brancos, cristãos e de olhos claros isso não significava que seriam valorizados no novo país. O valor era uma questão ideológica e política, portanto, dependia de fatores hierárquicos, de raça e classe.

Outro personagem que ilustra esta mesma questão é a empregada Finlandesa do narrador, que não possui nem nome nem voz ativa, no sentido de discurso direto (DIAS, 2016). Apesar de ser branca, ainda é discriminada pelos fatores de classe e origem, também pelo fato de que a Finlândia não apresenta nenhum poder político como Inglaterra, Alemanha e França, de modo que seus imigrantes são vistos como pessoas pobres que desejam mudar de vida nos Estados Unidos, tais como os demais citados até aqui.

Nick, o patrão da finlandesa, como um americano branco que pertence a uma família de classe média alta, ele a reduz como sujeito, conferindo-lhe um “olhar colonial”, termo que significa um olhar partindo da premissa que um é superior e o outro é inferior nesse contexto das relações coloniais (BONNICI, 2000). Ele se via como sujeito superior e ela como outro inferiorizada, pois o mesmo, ao mencionar os seus pertences como seu automóvel e cachorro, integra a empregada nesse seu conjunto:

Eu tinha um cachorro (ou pelo menos tive por alguns dias, até que ele fugisse), além de um automóvel Dodge e uma faxineira de origem finlandesa, que fazia minha cama e preparava o café da manhã enquanto resmungava conselhos e provérbios em finlandês sobre o fogão elétrico (FITZGERALD, 2011, p. 5)<sup>14</sup>.

Como mostra a citação acima, percebe-se que a finlandesa utiliza sua língua de origem e é ignorada por Nick e supõe que a mesma esteja falando provérbios. Logo se percebe que tanto o grego e o judeu com problemas em sua pronúncia e a empregada finlandesa estão relacionados em conflito de linguagem que cria uma lacuna entre eles e os americanos que o cercam, sendo isto um fato utilizado pela mentalidade americana para desqualificá-los. Nota-se então que estas línguas estrangeiras são utilizadas não somente para momentos de chacotas, mas também para ilustrar o quanto seus falantes não são levados a sério, nem considerados cidadãos plenamente, mas como mão de obra barata, isto é, serviços para os americanos, no caso da empregada de Nick.

Ora, no contexto das relações coloniais, uma das características do colonizador era a desumanização do colonizado, uma vez que o tratava como sujeito selvagem por não se

---

<sup>14</sup> “I had a dog, at least I had him for a few days until he ran away, and an old Dodge and a Finnish woman who made my bed and cooked breakfast and muttered Finnish wisdom to herself over the electric stove.” (FITZGERALD, 1995, p. 13).

inserir dentro dos padrões europeus, como afirma Césaire (1978, p. 23 - 24) ao relatar que “[...] a colonização desumaniza, repito mesmo o homem mais civilizado [...]”, pois, o colonizador [...] ver no outro o animal, se exercita a trata-lo como animal [...]”. Ademais, em um momento Nick desumaniza sua empregada como um ser demoníaco sem apresentar um motivo, assim o narrador apresentado a maneira como um sujeito americano branco, de classe média e cristã enxergava ou tratava um imigrante de um país que não lhe convêm para influenciar o poder de seus status nas relações de classe:

O tom automático da resposta de Gatsby fez com que ficássemos em silêncio, constrangidos, pelo menos por outro minuto. Depois, propus que ambos se levantassem, com a sugestão desesperada de que poderiam me ajudar a preparar o chá na cozinha... Mas, nesse mesmo instante, a demoníaca finlandesa entrou na sala com uma bandeja completa. (FITZGERALD, 2011, p. 64)<sup>15</sup>.

Não há nenhuma justificativa no comportamento da empregada sem nome de Nick para ele adjetivá-la desta forma. O comportamento preconceituoso do narrador ilustra um tipo de preconceito que atingiu não apenas indígenas e negros no universo dos encontros coloniais, mas aquele entre brancos, como é o caso dos irlandeses, visto pelos ingleses como sendo “os negros da Europa”, sem nenhum tipo de justificativa plausível para isto, a não ser a fabricação da outremização de um povo vítima das investidas imperialistas inglesas. No caso da empregada finlandesa, ela recebe um adjetivo geralmente atribuído a negros e indígenas, por parte dos colonizadores do passado, por não serem cristãos, uma prática que perdura no século XX nos Estados Unidos, embora os finlandeses fossem, em sua ampla maioria, cristãos e brancos como os americanos. Isso expõe notadamente como o sujeito estrangeiro que não tinha uma origem em uma região de dominância é relatado ou tratado na narrativa. Esse sujeito é visto como o outro, o ser inferiorizado que é ridicularizado ou tratado como selvagem e sem voz que fugiu de seu país de origem para alcançar uma vida melhor no Novo Mundo.

No entender de Dias (2016), é necessário apontar que a língua estrangeira é utilizada de forma diferente dependendo do seu local de origem. A França como berço cultural da literatura e uma grande potência europeia, é vista na obra como lugar de refinamento e classe. Percebe-se através do uso recorrente do idioma francês que ela é falada pelos personagens da

---

<sup>15</sup> “The automatic quality of Gatsby's answer set us all back at least another minute. I had them both on their feet with the desperate suggestion that they help me make tea in the kitchen when the demoniac Finn brought it in on a tray.” (FITZGERALD, 1995, p. 84).

alta classe americana (narrador e demais personagens do seu meio social), conferindo poder e elegância e demonstrando que eles são pessoas que tem dinheiro para viajar a terras internacionais: “Aqui algo que sempre carrego. Um souvenir dos dias que estive em Oxford” (FITZGERALD, 1995, p. 66 tradução nossa)<sup>16</sup>. As citações a seguir também ilustram o uso comum pelos americanos da alta classe que são o foco desta obra em estudo:

Sobre a mesa, buffets adornados de cintilante hors d’ouvres, presuntos cozidos em fatias sobre as saladas em forma de arlequins, leitões assados e perus com cores douradas. (FITZGERALD, 1995, p. 43, tradução nossa).<sup>17</sup>

O chauffer – ele era um dos protegidos de Wolfshiem [...]. (FITZGERALD, 1995, p. 149, tradução nossa).<sup>18</sup>

Observa-se que a obra também aborda o preconceito racial que, diferentemente das questões acima, é jogado abertamente para o leitor perceber, pois quem cria todas as situações discriminatórias, desta vez em relação aos negros, é o personagem Tom, marido de Daisy. É importante relatar que o mesmo é o antagonista da história, ou seja, o rival de Gastby na relação dele com Daisy. Por ser o antagonista da narrativa, suas falas machistas e racistas estão escancaradas ao longo da obra e nem o texto nem o narrador são suficientemente claros se corroboram ou se opõem ao seu discurso, de modo que, tomando como base todo o contexto apresentado em relação ao “eu” e o “outro”, pode-se dizer que a obra reproduz ideologias imperialistas, embora o texto represente Tom de modo negativo, o que enseja uma antipatia do leitor em relação a ele.

A questão de raças é abordada no jantar que Daisy ofereceu para Nick, seu primo, a quem não via há muito tempo:

A civilização está caindo aos pedaços – interrompeu Tom. – Eu me transformei em um terrível pessimista a respeito de tudo. Você leu A ascensão dos impérios de cor, desse tal de Goddard? – Não, não li – respondi, muito surpreso com seu tom de voz. – Bem, é um ótimo livro e todo mundo deveria lê-lo. A ideia geral é a de que, senão tivermos cuidado, a raça branca vai ser... ora, vai ser totalmente subjugada. Tudo isso é uma questão científica, foi tudo provado. – Tom está ficando muito profundo – disse Daisy, com uma expressão de tristeza um tanto indiferente. – Ele fica lendo esses livros profundos cheios de palavras difíceis. Qual foi aquela palavra que nós... – Bem, esses livros são todos científicos – insistiu Tom,

<sup>16</sup> “Here’s another thing I always carry. A souvenir of Oxford days.” (FITZGERALD, 1995, p. 66)

<sup>17</sup> “On buffet tables, garnished with glistening hors d’oeuvre, spiced baked hams crowded against salads of harlequin designs and pastry pigs and turkeys bewitched to a dark gold.” (FITZGERALD, 1995, p. 43)

<sup>18</sup> “The chauffeur – he was one of Wolfshiem’s protégés” (FITZGERALD, 1995, p. 149)

lançando-lhe um olhar impaciente. – Este camarada estudou o tema a fundo. A responsabilidade é nossa, porque somos nós que pertencemos à raça dominante. Temos de ficar de olhos bem abertos e ter cuidado com todas essas outras raças, caso contrário eles vão assumir o controle das coisas. – Nós temos de derrotá-los – murmurou Daisy, piscando furiosamente os olhos por causa da luz muito forte do sol. – Vocês deveriam morar na Califórnia – começou Miss Baker, porém Tom interrompeu-a, movendo-se desajeitado sobre o assento de sua cadeira. – A ideia central desse livro é que nós somos nórdicos. Eu sou, você é, você é e... – após uma hesitação infinitesimal, ele incluiu Daisy com um leve sinal de cabeça; e ela piscou para mim de novo. – E fomos nós que produzimos todas as coisas que contribuíram para construir a civilização... ora, a ciência e as artes e tudo o mais. Percebem? (FITZGERALD, 2011, p. 12)<sup>19</sup>.

Primeiramente é necessário apontar que Tom tem toda uma preocupação em relação à civilização, como sujeito branco, o mesmo vê a civilização governada por brancos e teme que os negros, ciganos ou outros que sofreram com o processo de colonização venham a desfigurar o cenário “civilizado” que é pertencente, na sua concepção, ao domínio dos brancos, pois sujeitos (tratados como) colonizados eram considerados selvagens, ou seja, não possuíam um aparato intelectual e cultural para se incluir no progresso civilizatório. Para Césaire (1978, p. 37), os negros ou sujeitos coloniais são “[...] Civilizados até à medula! A ideia do negro bárbaro é uma invenção europeia [...]”, mas “[...] O pequeno burguês não quer ouvir mais nada. Com o bater de orelhas, afugenta a ideia.”.

Ademais, Tom cita *A ascensão dos impérios de cor* de Goddard uma obra ficcionalmente criada pelo autor Fitzgerald que, segundo Tom, utiliza como recurso para explicar seu ponto de vista sobre as pessoas de outra cor. Logo, esse livro é uma ferramenta para destacar o viés imperialista e preconceituoso do personagem.

Bernd (2003, p.130) afirma que o racismo “[...] se exerce ferozmente quando negros e mulatos decidem mudar de “lugar” e subir na escala social”. Conforme se vê na citação acima, Tom teme que isto ocorra e mostra uma preocupação em relação à inclusão dos

---

<sup>19</sup> “Civilization’s going to pieces,” broke out Tom violently. “I’ve gotten to be a terrible pessimist about things. Have you read ‘The Rise of the Colored Empires’ by this man Goddard?” “Why, no,” I answered, rather surprised by his tone. “Well, it’s a fine book, and everybody ought to read it. The idea is if we don’t look out the white race will be - will be utterly submerged. It’s all scientific stuff; it’s been proved.” “Tom’s getting very profound,” said Daisy, with an expression of unthoughtful sadness. “He reads deep books with long words in them. What was that word we -” “Well, these books are all scientific,” insisted Tom, glancing at her impatiently. “This fellow has worked out the whole thing. It’s up to us, who are the dominant race, to watch out or these other races will have control of things.” “We’ve got to beat them down,” whispered Daisy, winking ferociously toward the fervent sun. “You ought to live in California - .” began Miss Baker, but Tom interrupted her by shifting heavily in his chair. “This idea is that we’re Nordics. I am, and you are, and you are, and - .” After an infinitesimal hesitation he included Daisy with a slight nod, and she winked at me again. “- and we’ve produced all the things that go to make civilization - oh, science and art, and all that. Do you see?” (FITZGERALD, 1995, p. 21).

sujeitos de cor em ambientes dominados por brancos e a perda de espaço dos mesmos na sociedade. Essa preocupação é típica de um colonizador em relação à subalternidade do colonizado. Nesse sentido, Tom como sujeito branco, julga que seus pares de cor devem manter todo o controle sobre o sujeito que é considerado inferior e não quer perder as regalias que o privilégio oferece para o branco. Sobre o controle colonial Bonnici afirma que o colonizador “[...] controla a educação, a religião, a língua, a literatura, as formas coreográficas para modificar os valores e o *weltanschauung* dos nativos” (BONNICI, 2005, p. 42).

Tom também é construído sob um aspecto de um típico homem imperialista e de postura patriarcal, especialmente porque possui um tom autoritário e dominante: “[...] enfiando seu braço robusto sobre o meu de uma forma imperativa, Tom Buchanan obrigou-me a sair do salão da mesma forma que moveria uma peça de um jogo de damas para o quadrado” (FITZGERALD, 2011, p. 11)<sup>20</sup>. Ademais, é descoberto que o personagem possui uma amante chamada Myrtle Wilson, esta sendo tratada apenas como um objeto, pois para Tom ela é um *passa tempo* que ele usa apenas quando lhe convém.

Na citação a seguir, percebe-se que Tom não está preocupado apenas com a inclusão do negro na sociedade, mas também com a liberdade da mulher: “Meu Deus, posso ter ideias um tanto conservadoras, mas realmente as mulheres têm excesso de liberdade hoje em dia. Liberdade demais para o meu gosto” (FITZGERALD, 2011, p. 76)<sup>21</sup>. Portanto, se percebe que Tom é um típico homem branco com ideologias patriarcais que oprime ou vê a mulher como um objeto a ser usado pelo homem.

A própria Daisy é retratada sob as lentes das mesmas ideologias patriarcais. Ela menciona que está feliz por ter tido uma filha, esperando que a mesma seja ingênua, pois em mundo patriarcal a mulher tem que fechar os olhos e se silenciar em relação a seus desejos, pois é o homem que está no poder, como Tom sempre trai Daisy e a mesma tenta fechar os olhos para aquela situação:

Ela me disse que era uma menina e então virei meu rosto para o lado e chorei. “Tudo bem,” – eu disse – “estou contente que seja uma menina. Espero que seja uma menina boba: é a melhor coisa que pode acontecer a

---

<sup>20</sup> “Wedging his tense arm imperatively under mine Tom Buchanan compelled me from the room as though he were moving a checker to another square.” (FITZGERALD, 1995, p. 20).

<sup>21</sup> “By God, I may be old-fashioned in my ideas, but women run around too much these days to suit me. They meet all kinds of crazy fish.” (FITZGERALD, 1995, p. 98).

uma menina neste mundo, ser uma linda bobinha (FITZGERALD, 2011, p.15)<sup>22</sup>.

Observa-se que são ideologias perturbadoras que sustentam a relação entre o “eu” e o “outro” nesta obra, seja ele de raça, classe ou sexo, marcando as relações interpessoais por essas divisões e classificações enviesadas.

### 3.2 QUESTÕES DE ESPAÇO E IDEOLOGIA

O espaço é um fator de suma importância numa obra. Gancho (2002) define o espaço como o local que se apresenta a ação da narrativa, na qual apresentará uma influência importante nos acontecimentos da obra. Gancho (2002, p. 23) define as funções do espaço: “[...] situar as ações dos personagens e estabelecer com eles uma interação, quer influenciando suas atitudes, pensamentos ou emoções, quer sofrendo eventuais transformações provocadas pelos personagens.” O autor relata que os espaços nas narrativas podem ser descritos com detalhes ou apresentada através de referências na narração. Logo, é possível identificar aspectos do espaço como aberto, fechado ou espaços urbanos, rurais etc.

Contudo, o espaço pode ser considerado um ponto importante para a história estando ligado com o desenrolar ou o desenvolvimento da narrativa. Por isso, em certos casos é necessário que seja levado em conta os espaços em que os personagens circulam, considerando-o no sentido de espaço social e psicológico. A este respeito, Gancho (2002, p. 23), afirma: “O termo espaço, de um modo geral, só dá conta do lugar físico onde ocorrem os fatos da história; para designar um "lugar" psicológico, social, econômico etc., empregamos o termo ambiente.”.

Portanto, o ambiente é caracterizado por inserir os personagens da narrativa nesse contexto em que o espaço é carregado de características culturais, religiosas, socioeconômicas. Logo, Gancho (2002, p. 24 - 25) apresenta quatro funções do ambiente: “Situando os personagens no tempo, no espaço, no grupo social, enfim nas condições em que vivem.”, também “Ser a projeção dos conflitos vividos pelos personagens.” Como também, “Estar em conflito com os personagens. Em algumas narrativas o ambiente se opõe aos

---

<sup>22</sup> “She told me it was a girl, and so I turned my head away and wept. ‘all right,’ I said, ‘I’m glad it’s a girl. And I hope she’ll be a fool – that’s the best thing a girl can be in this world, a beautiful little fool.’ (FITZGERALD, 1995, p. 25).

personagens estabelecendo com eles um conflito.” E por fim, “Fornecer índices para o andamento do enredo.”

Nas relações coloniais, o espaço criado pelo colonizador encadeou uma rede de exploração que efetivou uma gama de aspectos nas relações humanas, tais como escravidão, desigualdade, preconceito racial, diferenciação de classes. Para Dias (2015, p.179)

[...] um ponto central nas relações humanas marcadas pelo colonialismo e imperialismo é o espaço, visto que as relações coloniais ocorreram em ambientes que receberam uma carga ideológica de interpretação de acordo com as necessidades dos que detinham o poder.

Na obra *O grande Gastby*, os ambientes são apresentados pelo narrador-personagem Nick Carraway. Percebe-se que os ambientes são narrados em detalhes, pois são recursos da narrativa de suma importância na perspectiva imperialista assumida pela trama. Em relação às questões de classes sociais, Fitzgerald traz três importantes espaços ficcionais West Egg, East Egg e Vale das Sombras. Cada espaço é bastante detalhado e trabalhado em relação aos aspectos dos personagens, pois em cada local reside um grupo de pessoas que possuem status sociais e econômicos diferentes. O autor utiliza West Egg e East Egg para contrastar uma da outra em relação à aquisição econômica das pessoas, principalmente porque as duas são ilhas em formato de ovos que estão separadas por um lago. Assim, funcionando como uma forma de demarcação territorial hierárquica aquelas pessoas.

Tanto em West Egg e East Egg são locais frequentados por famílias milionárias, porém a diferença entre as pessoas que estão situadas nessas ilhas é ressaltada em termos de divisão de classes sociais, uma vez que o West Egg é um local em que pessoas ricas emergente vivem, como Gastby que antes era pobre e se tornou milionário. Diferentemente do East Egg que vivem pessoas da velha aristocracia americana, como por exemplo, Daisy e Tom. Sendo West Egg um local de pessoas ricas, ele é visto com maus olhos pelas pessoas do East, considerando aquele ambiente como de excessos na busca dos novos ricos por ostentarem sua nova condição social:

Eu morava em West Egg, que era, digamos, a área que na época se encontrava menos na moda, embora este seja um rótulo muito superficial para expressar o contraste bizarro e não pouco sinistro que existia entre eles (FITZGERALD, 2011, p. 6)<sup>23</sup>.

<sup>23</sup> “I lived at West Egg, the - well, the less fashionable of the two, though this is a most superficial tag to express the bizarre and not a little sinister contrast between them.” (FITZGERALD, 1995, p. 14).

Do outro lado da pequena enseada, os palácios brancos da elegante aldeia de East Egg brilhavam ao longo da praia, e a história desse verão realmente começou na noite em que dirigi meu carro até lá para jantar com Tom Buchanan e a esposa (FITZGERALD, 2011, p. 7)<sup>24</sup>.

Você mora em West Egg – observou ela, com desdém (FITZGERALD, 2011, p. 10)<sup>25</sup>.

Outro espaço de suma importância na obra é o Vale das Cinzas que está localizado entre West Egg e Nova York, um local considerado degradante onde vivem pessoas pobres e de moral duvidosa, conforme mostra a citação a seguir:

Mais ou menos na metade do caminho entre West Egg e Nova York, a rodovia rapidamente se une à linha férrea e corre ao longo dela por uns quatrocentos metros, de modo a afastar-se de uma certa área desolada. É o vale de cinzas, uma fazenda fantástica em que as cinzas crescem como trigo em sulcos, colinas e jardins grotescos; em que as cinzas assumem a forma de casas e chaminés de onde sobe a fumaça; e em que, finalmente, por meio de um esforço transcendental, tomam o aspecto de homens cinzentos, que se movem devagar, como se até mesmo eles estivessem se desfazendo no ar empoeirado. (FITZGERALD, 2011, p. 19)<sup>26</sup>.

É nesse espaço onde vive o casal Mirtley e Wilson, indivíduos de classe baixa que são usados e enganados por Tom por não estarem inseridos na aristocracia americana o que lhe conferiria o direito de manipulá-los em benefício próprio sem pensar nas consequências. É também nesse local onde vivem alguns imigrantes, como o grego Michaelis, o menino italiano e um negro que aparece ao lado de Michaelis na hora do acontecimento do atropelamento de Mirtley, o qual não tem seu nome citado, e nem possui falas. Ele é descrito por Michaelis naquele local como “Somente o **mulato**<sup>27</sup> [...]” (FITZGERALD, 2011, p. 103, grifos nossos para destacar que no original a palavra é Negro). Portanto esse local considerado imundo e horrendo é pertencente a essas pessoas que hierarquicamente possuem menos

---

<sup>24</sup> “Across the courtesy bay the white palaces of fashionable East Egg glittered along the water, and the history of the summer really begins on the evening I drove over there to have dinner with the Tom Buchanans.” (FITZGERALD, 1995, p. 15).

<sup>25</sup> “You live in West Egg,” she remarked contemptuously. (FITZGERALD, 1995, p. 19).

<sup>26</sup> “About half way between West Egg and New York the motor road hastily joins the railroad and runs beside it for a quarter of a mile, so as to shrink away from a certain desolate area of land. This is a valley of ashes – a fantastic farm where ashes grow like wheat into ridges and hills and grotesque gardens; where ashes take the forms of houses and chimneys and rising smoke and, finally, with a transcendent effort, of men who move dimly and already crumbling through the powdery air.” (FITZGERALD, 1995, p. 29).

<sup>27</sup> “Only the Negro” (FITZGERALD, 1995, p.130).

valores que a comunidade de West e East Egg, locais considerados centrais diante do periférico Vale das Cinzas.

Observa-se que imigrantes que foram em busca de melhorar sua perspectiva financeira nos Estados Unidos, se encontram em um lugar cujo nome é sinônimo de destruição, degradação, miséria, de modo que, na realidade dos fatos, não lhes foi possível realizar o Sonho Americano de igualdade e oportunidades para todos, conformem tem sido propagado sobre aquela nação desde a sua colonização até a atualidade. Ao tratar deste tipo de realidade, Bonnici (2000, p. 218) destaca que: “Essa não é apenas a realidade encontrada pelo imigrante sem casa no grande país colonizador “central”, mas sua resposta à degradação e ao desprezo aos países periféricos e colonizados.”.

É importante pontuar outro espaço interno estadunidense e sua relação com ideologias imperialistas envolvidas diretamente na questão do racismo também em solo americano. Dias (2016) ressalta que o Sul dos Estados Unidos foi um ambiente marcado por uma grande quantidade de escravos, devido a sua propensão natural para a agricultura devido a questões climáticas, uma vez que o Sul é um local de temperatura apropriada para o cultivo do solo, diferente dos frios estados do Norte daquele país.

Em virtude disto, na história americana, por questões ideológicas (os estados do Sul queria se separar do resto do país), os estados do Norte empreenderam a Guerra Civil Americana, justificando sua atitude apenas como tentativa de quebrar o círculo vicioso da escravidão. Sobre isso, VanSpanckeren (1994, p. 47) aponta que “A Guerra Civil Americana (1861-1865) entre o Norte industrializado e o Sul agrícola e escravagista foi um divisor de águas na história americana.” Ainda, “[...] os idealistas defendiam os direitos humanos, especialmente a abolição da escravatura [...]”, porém, “[...] os americanos idealizavam mais e mais o progresso e o homem que se faz por si próprio.”.

Conseqüentemente, com a vitória do exército chamado de Yankee do Norte, após a libertação da escravatura no sul americano, naturalmente que ainda permaneceu o privilégio dos brancos, em consequência disso, o racismo contra pessoas chamadas “de cor” continua até a atualidade, sobretudo naquela região. A citação a seguir, ilustra esta questão sobre detalhes de Daisy e sua vida de garota branca e rica do sul que é usada para ilustrar o Sul como ambiente pobre, cheio de negros e descendentes de escravos:

– Ela é de Nova York? – perguntei rapidamente. – Veio de Louisville [ um dos estados do Sul]. Passamos juntas nossa infância de meninas brancas. Nossa linda e imaculada... – Você abriu seu coração a Nick enquanto estavam na varanda? – Tom indagou subitamente. – Será que abriu? – falou

ela, enquanto me olhava. – Não consigo lembrar, mas a impressão que tenho é de que conversamos sobre a raça nórdica (FITZGERALD, 2011, p. 16)<sup>28</sup>.

Jordan, amiga de Daisy, narra também sobre a juventude da amiga no espaço Sul Americano, onde a questão racial é destacada. A necessidade de afirmação da raça branca está ilustrada inclusive no fascínio dos personagens sulistas por objetos brancos: “Ela costumava se vestir de branco e tinha um carro esporte também branco [...]” (FITZGERALD, 2011, p. 55)<sup>29</sup>. Portanto, o branco que está representado por Dayse nas de relações espaço sulista está induzindo sua origem racista e representando sua opressão e confronto com aquele lugar de ex-escravos, demonstrando, assim, a posição racista do americano branco de classe média ou rica no início do século XX.

A respeito do protagonista, nota-se que ele é apresentado diversas vezes dentro de um ambiente Europeu. Como *Gatsby* quer conquistar Daisy, ele precisa mostrar que tem dinheiro, para tanto, ele frequentemente destaca suas experiências internacionais. Ao descrever a mansão de *Gatsby*, Nick a descreve como se estivesse vendo um hotel cinco estrelas, ressaltando que os americanos, para demonstrarem poder e status, buscavam morar em casas de alto poder aquisitivo de aparência europeia:

Aquela que ficava à minha direita seria considerada um prédio colossal, qualquer que fosse o critério adotado pelo observador: uma imitação bastante aproximada do *hôtel de ville* de alguma cidade da Normandia, com uma torre de um dos lados que parecia estranhamente nova sob a barba fina da hera que havia crescido recentemente ao redor dela e uma piscina de mármore, além de mais de vinte hectares de gramado e jardins. Era a mansão de *Gatsby*. Quer dizer, como eu ainda não conhecia o sr. *Gatsby*, era uma mansão habitada por um cavalheiro que tinha esse nome (FITZGERAD, 2011, p. 6)<sup>30</sup>.

Observa-se que a referência do narrador para ilustrar a riqueza daquele ambiente, precisa recorrer a algo que só poderia ser comparado ao que havia de melhor, e este melhor estava na Europa, conforme ilustra a citação a seguir. Ademais ao visitar o espaço interior da

---

<sup>28</sup> “Is she from New York?” I asked quickly. “From Louisville. Our white girlhood was passed together there. Our beautiful whit - .” “Did you give Nick a little heart to heart talk on the veranda?” demanded Tom suddenly. “Did I?” She looked at me. “I can't seem to remember, but I think we talked about the Nordic race.” (FITZGERALD, 1995, p. 26 - 27).

<sup>29</sup> “She dressed in white, and had a little white roadster [...]”. (FITZGERALD, 1995, p. 73).

<sup>30</sup> “The one on my right was a colossal affair by any standard - it was a factual imitation of some *Hôtel de Ville* in Normandy, with a tower on one side, spanking new under a thin beard of raw ivy, and a marble swimming pool, and more than forty acres of lawn and garden. It was *Gatsby's* mansion. Or, rather, as I didn't know Mr. *Gatsby*, it was a mansion inhabited by a gentleman of that name.” (FITZGERALD, 1995, p. 15).

mansão de *Gatsby* junto com Daisy, Nick fica impressionado com a decoração. A mesmo utiliza o termo estilo “Maria Antonieta” para descrever a ornamentação da mansão. Esse termo está se referindo a elementos diretamente da realeza francesa, país onde reinou Maria Antonieta, logo a decoração da mansão apresenta um tom de refinamento e luxo:

E lá dentro, enquanto vagávamos através de salões de música decorados ao estilo de Maria Antonieta e salões de recepção do período da Restauração, eu tinha a sensação de ver convidados ocultos por trás de cada tapeçaria, agachados atrás dos sofás ou escondidos embaixo das mesas, sob ordens expressas de prender a respiração e manter silêncio absoluto até que tivéssemos passado (FITZGERALD, 2011, p. 67)<sup>31</sup>.

Com frequência a França é abordada na obra demonstrando ser um espaço de suma importância para a os personagens milionários, inclusive no excessivo uso de seu idioma. A citação acima, além de trazer a referência à França também o faz à Inglaterra, ao mencionar a “Restauração,” período em que após a morte do rei Charles I, e um período de república, aquele país restaurou o esplendor e a riqueza da monarquia.

Nick relata mais uma vez o fascínio que os americanos tinham pela França ao tratar das viagens de Tom e Daisy, pois é um ambiente em que pessoas milionárias costumam frequentar:

A razão que os tinha levado à Costa Leste eu desconhecia. Haviam passado um ano na França, sem nenhum motivo em particular, e depois andaram para cá e para lá sem descanso, parando em todos esses lugares onde as pessoas jogam polo e são ricas (FITZGERALD, 2011, p. 7)<sup>32</sup>.

Percebe-se que o autor utiliza a França e a Inglaterra, mencionando-as repetidamente, caracterizando aqueles países como símbolos de refinamento e status para os personagens. Porém outros países que não possuem o poder influenciador econômico e cultural que França e Inglaterra apresentam são retratados na narrativa como locais para a prática da ilegalidade ou para a diversão dos ricos.

Segundo Dias (2016), apesar de os Estados Unidos e Canadá estarem em pé de igualdade em diversos sentidos, tais como: a predominância da raça branca, do cristianismo e

---

<sup>31</sup> “And inside, as we wandered through Marie Antoinette music rooms and Restoration salons, I felt that there were guests concealed behind every couch and table, under orders to be breathlessly silent until we had passed through.” (FITZGERALD, 1995, p. 87).

<sup>32</sup> “Why they came East I don't know. They had spent a year in France for no particular reason, and then drifted here and there unrestfully wherever people played polo and were rich together.” (FITZGERALD, 1995, p. 15).

do idioma, o Canadá, na literatura americana, é apresentado de modo ambíguo, sendo visto pelos americanos como um país fronteiro, um local de fuga para criminosos, onde se “pode” cometer algo ilegal ou o que se desejar, como se aquele fosse um país sem lei, uma terra de ninguém. Nota-se isto no caso de rumores acerca de Gatsby cometer atos ilegais através de um cano de oleoduto no Canadá, pelo qual poderia traficar bebidas, visto ser aquela atividade que o teria feito enriquecer naquela época de Lei Seca nos Estados Unidos. Gatsby também descreve para Nick a fronteira segundo ele espaço que passou sua juventude, como local de pessoas depravadas ao insinuar bordeis. Isso está presente nas seguintes falas:

A notoriedade de Gatsby, espalhada pelas centenas de pessoas que tinham usufruído da sua hospitalidade e deste modo se tornado autoridades sobre seu passado, vinha aumentando ao longo de todo o verão, até faltar muito pouco para transformar-se em notícia. Algumas lendas que corriam na época, como a de “um oleoduto subterrâneo até o Canadá”, foram de imediato ligadas a ele, [...] (FITZGERALD, 2011, p 72)<sup>33</sup>.

Lembro-me de seu retrato na parede do quarto de Gatsby, um homem grisalho e de rosto corado, com feições duras e de expressão vazia, a fisionomia típica do pioneiro debochado, que durante determinada fase da história americana trouxe de volta para a Costa Leste a violência selvagem dos bordéis e tavernas da fronteira (FITZGERALD, 2011, p 74)<sup>34</sup>.

– Você deveria fazer uma viagem – comentei. – É quase certo que a polícia vai identificar seu carro. – Viajar agora, meu velho? – Vá a Atlantic City por uma semana ou, quem sabe, até Montreal (FITZGERALD, 2011, p. 107)<sup>35</sup>.

Estas citações ilustram a representação do Canadá de modo preconceituoso, de forma semelhante às associações feitas ao México. Observa-se que, por mais que Canadá e Estados Unidos tenham pontos em comum, por razões ideológicas, o território americano é construído como terra de lei e ordem, ou seja, com características de países civilizados, ao passo que o oposto disto costuma ser associado à países não civilizados, como o Canadá.

Outro espaço visto como país inferior na obra é o Caribe. Para Bonicci (2000, p. 247 - 248) as sociedades do Caribe foram um:

---

<sup>33</sup> “Gatsby's notoriety, spread about by the hundreds who had accepted his hospitality and so become authorities on his past, had increased all summer until he fell just short of being news. Contemporary legends such as the “underground pipe-line to Canada.” attached themselves to him [...]” (FITZGERALD, 1995, p. 93).

<sup>34</sup> “I remember the portrait of him up in Gatsby's bedroom, a gray, florid man with a hard, empty face - the pioneer debauchee, who during one phase of American life brought back to the Eastern seaboard the savage violence of the frontier brothel and saloon.” (FITZGERALD, 1995, p. 96).

<sup>35</sup> “You ought to go away,” “It's pretty certain they'll trace your car.” “Go away now, old sport?” “Go to Atlantic City for a week, or up to Montreal.” (FITZGERALD, 1995, p. 136).

[...] palco das atividades mais atrozes e devastadoras contra a humanidade, perpetradas pelos colonizadores europeus. As populações aruaques e caraíbas foram totalmente exterminadas durante os primeiros 50 anos da colonização. A chegada de milhares de africanos reduzidos à escravidão formou uma sociedade multirracial. Que falava línguas europeias, mas mantinha algumas tradições de raízes africanas.

Diante disso, o Caribe, na literatura americana, bem como no caso da obra em estudo é um espaço historicamente inferiorizado e controlado pelo homem branco. Na obra nota-se que assim como o Canadá, o Caribe é apresentado de uma forma ambígua. No entender de Dias (2016), em um sentido positivo, ele é visto como um local paradisíaco, com mares e praias desertas e cristalinas dos quais os milionários usufruem em datas comemorativas, como no caso de Tom e Dayse, em sua lua de mel: “[...] às cinco da tarde, ela se casou com Tom Buchanan [...] Depois da cerimônia, os dois partiram em uma viagem de núpcias pelos Mares do Sul que durou três meses” (FITZGERALD, 2011, p. 56)<sup>36</sup>. Contudo, consegue-se constatar na citação que as férias duraram poucos meses, implicando que aquele local é apenas para passeio ou diversão e não um espaço para um milionário viver com sua família devido ao status periférico que apresenta, definindo assim sua conotação negativa (DIAS, 2016).

Ademais, Cody, um personagem apresentado como amigo de Gatsby se envolve com negócios ilícitos e ao “adotar” o protagonista, mostra-lhe a vida de luxo, levando-o para lugares desconhecidos para o mesmo: “E quando o *Tuolomee* partiu para as Índias Ocidentais [isto é, o Caribe] e a Costa da Barbária, Gatsby partiu com ele” (FITZGERALD, 2011, p. 74)<sup>37</sup>. Então, é possível notar que, num sentido negativo, o Caribe é caracterizado como um lugar também sem lei, pois é um ambiente em que os contrabandistas realizam suas ações longe das autoridades.

---

<sup>36</sup> “Next day at five o’clock she married Tom Buchanan without so much as a shiver and started off on a three months’ trip to the South Seas.” (FITZGERALD, 1995 p. 75).

<sup>37</sup> “And when the *Tuolomee* left for the West Indies and the Barbary Coast Gatsby left too.” (FITZGERALD, 1995, p. 95).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*O Grande Gatsby* possui uma das histórias mais elogiadas da literatura americana e um clássico universal, sendo Gatsby um símbolo do homem americano que atingiu o Sonho Americano. A narrativa está inserida em um contexto histórico muito importante para a história dos Estados Unidos, possibilitando quem não vivenciou aquela época desfrutar os encantamentos e célebres momentos da Jazz Age [Era do Jazz], como a grande efervescência cultural e a decadência moral do americano no início do século XX, na década que ficou conhecida como *The Roaring Twenties* [Os barulhentos anos 20], um tempo de liberdade sexual inclusive para as mulheres.

Fitzgerald, como escritor habilidoso, constrói uma obra que mesmo após tanto tempo ainda é registrada como um dos marcos da literatura americana, sobretudo pela escrita estruturada de uma narrativa envolvente, rica em simbologia e de enredo intrigante. Este romance mostra aspectos realistas retratando a complexidade das relações humanas com uma história que surpreende o leitor ao atestar conflitos não triviais, atraindo o protagonista para o heroísmo, embora com o custo de sua vida e com o final frustrante, no qual o herói é assassinado injustamente e por engano, ao passo que o antagonista, idealizador de tal desfecho para Gatsby, não se prejudica.

Entretanto, estes aspectos acima são dos mais analisados quando se empreende uma pesquisa sobre a obra-prima de Fitzgerald. Por esta razão, este trabalho buscou levantar pontos que, por vezes, passam despercebidos nesta obra, mas que são fundamentais para que se perceba o quanto os americanos reproduzem em sua literatura ideologias imperialistas acerca do “eu” e do “outro”, em pleno século XX, o que destaca o pioneirismo desta pesquisa, visto que no levantamento bibliográfico realizado, apenas o texto de Dias (2016) foi encontrado como suporte crítico que valida a proposta empreendida para sua realização.

Neste sentido, é importante considerar que analisando *O Grande Gatsby* nessa perspectiva pós-colonial foi possível destacar como os europeus eram vistos na ótica da sociedade americana. Percebe-se claramente o poder influenciador que a Europa ainda mantinha no imaginário daquela jovem nação. Em virtude disso, personagens com alto poder aquisitivo na narrativa a todo o momento estão relacionados a elementos ligados a países como Inglaterra e França, ressaltando o refinamento e o poder daquelas pessoas. Contudo, outro fator importante é a questão de personagens estrangeiros, como o grego Michaelis e o judeu Wolfsheim, por serem de países considerados periféricos e possuírem cultura diferente,

estarem fora do eixo hierárquico tido como superior, sendo retratados como sujeitos inferiores e periféricos, fadados ao fracasso, à chacota. Embora Michaelis seja dono de um restaurante, ele está localizado em um bairro pobre e mal visto pelos personagens principais que são da alta sociedade, o que significa que ele não é um empresário, mas um aspirante a conquistador do Sonho Americano, uma vez que seu poder aquisitivo é suficiente apenas para sua sobrevivência.

Logo, Fitzgerald constrói espaços que são projetados para ilustrar poder e outros para ilustrar a vida de estrangeiros pobres discriminados por americanos, embora sua obra não seja sensível a eles. Percebe-se, por exemplo, que o Caribe, uma região que foi palco de atrocidades pelos colonizadores, é utilizado pela alta classe na obra como local de entretenimento e descartado quando não mais lhe convêm, como também é retratado como local da ilegalidade, com isso apontado um país sem estruturas para manter a ordem.

Em vista disso, também merece destaque o Sul americano, que representa o espaço de um tipo de colonização específica, ou seja, aquela que ocorreu dentro do solo americano, no caso, os africanos submetidos à escravidão e ao peso da subalternização via resíduos daquele preconceito racial, em contraste com Daisy, muitas vezes descrita como símbolo de brancura da elite que dominou e continua a dominar aquela região.

Diante disso, pode-se concluir que, assim como seus antepassados europeus, Fitzgerald produz um corpo literário que continua a nutrir ideologias imperialistas que se movem em favor do eixo anglo-americano e francês, destacando a suposta superioridade de seus nativos, ao passo que desfavorece indivíduos e espaços que não compartilham dos padrões hierárquicos desses grupos hegemônicos.

## BIBLIOGRAFIA

- ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures*. 2ed. London and New York: Routledge, 2002.
- BHABHA, K. Homi. *O local da cultura*. Trad. de Myriam Ávila, Eliana L. L. Reis, Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BERND, Zilé. *Literatura e identidade nacional*. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- BONNICI, Thomas. *Conceitos-chave da teoria pós-colonial*. Maringá: Eduem, 2005.
- BONNICI, Thomas. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Eduem. 2000.
- BONNICCI, Thomas. Teoria e crítica póscolonialista. In: Bonnici, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: UEM, 2005.
- BUSH, Ken & BAXTER, Judith (eds). FITZGERALD, F. Scott Fitzgerald. *The Great Gatsby*. New York: University of Cambridge, 1995.
- CASHMORE, Ellis. *Dicionário de relações étnicas e raciais*. Trad. de Diná Kleve. São Paulo: Summus, 2000.
- CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Trad. de Noêmia de Sousa. Lisboa: Sá da Costa, 1978.
- CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. 2ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- COTRIM, Gilberto e FERNANDES, Mirna. *Fundamentos de Filosofia*. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2013.
- DIAS, Daise Lilian Fonseca. “O Discurso Imperialista em *O Grande Gatsby*”. In: *Anais do II ENELF (Encontro Nacional de Estética, Literatura e Filosofia): Romantismo desdobramentos contemporâneos*. Fortaleza: UFCE, 2016.
- DIAS, Daise Lilian Fonseca. *A subversão das relações coloniais em O morro dos ventos uivantes: questões de gênero*. Campina Grande: EDUFCEG, 2015.
- FANON, Frantz. *Pele negra máscaras brancas*. Trad. de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FITZGERALD, F. Scott. *O Grande Gatsby*. Porto Alegre: L&PM Editora, 2011.
- GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. SP: Editora Ática, 2002.
- LOOMBA, Ania. *Colonialism/postcolonialism*. Longon: Routledge, 1998.

OXFORD. *Oxford Advanced Learner's Encyclopedic Dictionary*. New York: OUP, 1998.

PRIGOZY, Ruth (Ed). *The Cambridge Companion to F. Scott Fitzgerald*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra R. G. Almeida, Marcos P. Feitosa, André P. Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

UNIFESP (Universidade de SP) e Brasil. *Unidade 2. Racismo algumas definições*. São Paulo: UNIFESP, 2015.

VANSPANCKEREN, Kathryn (Ed.). *Perfil da Literatura Americana*. Trad. de Márcia Biato. Agência de Divulgação dos Estados Unidos da América, 1994.

## WEBLIOGRAFIA

<http://professordiegolucas.blogspot.com.br/2014/03/expressoes-para-iniciar-introducao.html>  
Acessado em 02/06/2017

<http://www.sparknotes.com/lit/gatsby/themes.html> Acessado em 15/07/2017

[https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%8Dndias\\_Ocidentais](https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%8Dndias_Ocidentais) Acessado em 20/07/2017

<http://brasilecola.uol.com.br/historiag/a-ideologia-imperialista.htm> Acessado em 10/08/2017

<http://penaespada.blogspot.com.br/2013/05/a-proposito-de-great-gatsby.html> 15/ Acessado em 20/08/2017

<http://tempodadelicadeza.com.br/2013/05/13/era-do-jazz/> Acessado em 20/07/2017

<http://historiadomundo.uol.com.br/idade-moderna/independencia-dos-eua.htm> Acessado em 20/07/2017

<http://www.infoescola.com/historia/imperio-colonial-italiano/> Acessado em 22/08/2017

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Maria\\_Antonieta](https://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_Antonieta) Acessado em 24/08/2017

<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/o-espaco-da-narrativa/34413>  
Acessado em 18/08/2017

<http://www.infoescola.com/movimentos-literarios/geracao-perdida/> Acessado em 23/07/2017